



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS SAÚDE-DOENÇA EM CONTEXTOS
INSTITUCIONAIS

Carmem Regina Giongo

**SOFRIMENTO SILENCIOSO:
ANÁLISE PSICODINÂMICA DO TRABALHO DE SUINOCULTORES**

Orientadora: Prof. Dra. Janine Kieling Monteiro

São Leopoldo
2013

Carmem Regina Giongo

**SOFRIMENTO SILENCIOSO:
ANÁLISE PSICODINÂMICA DO TRABALHO DE SUINOCULTORES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração Psicologia Clínica, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof. Dra. Janine Kieling Monteiro

São Leopoldo

2013

G496s	<p>Giongo, Carmem Regina Sofrimento silencioso: análise psicodinâmica do trabalho de suinocultores / por Carmem Regina Giongo. -- São Leopoldo, 2013.</p> <p>84 f. : il. ; 30 cm.</p> <p>Com: artigos “Trabalho cooperado na suinocultura: emancipação ou precarização; Suinocultor: vivências de prazer e sofrimento no trabalho precarizado”.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Leopoldo, RS, 2013. Área de Concentração: Psicologia Clínica. Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Janine Kieling Monteiro, Ciências da Saúde.</p> <p>1.Trabalhadores rurais – Saúde mental. 2.Suíno – Criadores – Saúde mental. 3.Suíno – Criadores – Saúde e higiene. 4.Trabalhadores rurais – Cooperativas de produtores. 5.Saúde ocupacional. I.Monteiro, Janine Kieling. II.Título.</p> <p>CDU 331.1:631:613.86 636.4:613.86 636.4:613.6 613.6</p>
-------	--

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

“O sonho do pai era de que todo mundo

lá em casa fosse doutor:

- doutor da lei.

- doutor dos bichos.

- doutora da fala.

- doutora dos malucos.

Agora, doutor mesmo foi o pai.

Fez todo mundo ir para a escola.

Um Doutor da vida!”

(Juliana Giongo)

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é dedicada ao meu pai, Pedro, trabalhador rural, político e minha grande inspiração. Apesar de ter nos deixado poucos dias antes do início deste projeto, esteve presente em cada ida ao campo, em cada reflexão. Minha escrita é também para você pai e está repleta de tudo que aprendi contigo.

Inicialmente, gostaria de agradecer ao meu marido Marcelo, pelo amor, paciência e parceria. Obrigada por acreditar em mim e por suportar as minhas ausências. Agradeço em especial à minha mãe Leoni, meu maior orgulho, que ajudou imensamente na realização deste estudo. O chimarrão e a cuca servidos nos grupos focais tiveram um gosto especial e foram preparados com muito carinho por dona Leoni. Obrigada também aos meus irmãos, Luiz e Paulo, pelo exemplo que sempre foram para mim. Em especial, à minha irmã Juliana, minha grande parceira e incentivadora, presente em todos os momentos. Meu porto seguro. Agradeço também ao meu analista Fernando Hartmann, que, como um bom lacaniano, me angustiou o suficiente para produzir uma dissertação de mestrado. Obrigada Fernando!

Agradeço à minha orientadora Janine Kieling Monteiro, pelo apoio incansável às minhas escolhas. Quando todos estranharam um estudo acerca dos suinocultores, ela esteve comigo, mostrando que estes trabalhadores mereciam ser escutados tanto quanto os professores, os bancários, os profissionais da saúde, entre outros. Agradeço muito aos meus queridos e intensos colegas de mestrado. A amizade, o carinho e o suporte recebidos foram fundamentais em todas as etapas deste estudo. Um obrigada bem especial à professora Tagma Schneider Donelli, dedicada e detalhista, por todo apoio na construção da minha escrita. Obrigada também aos professores da banca, pela contribuição e crítica extremamente construtivas.

Por fim, agradeço a cada suinocultor participante deste estudo, pelo carinho, respeito e confiança que dedicaram a mim durante todo o período que permaneci no campo. Certamente o maior desafio que me trouxeram foi o de traduzir em palavras toda riqueza e complexidade de suas vivências de trabalho. Afinal, nada disso seria possível se não fossem suas falas sinceras e carregadas de significado, de prazer e de sofrimento. A alegria e o entusiasmo com que me receberam em suas casas, assim como as lágrimas, as lesões e os pedidos de ajuda estão presentes nesta dissertação.

Muito obrigada!

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	6
LISTA DE SIGLAS	7
RESUMO	8
ABSTRACT	9
APRESENTAÇÃO	10
SEÇÃO 1: TRABALHO COOPERADO NA SUINOCULTURA: EMANCIPAÇÃO OU PRECARIZAÇÃO?	12
RESUMO	12
ABSTRACT	13
1. INTRODUÇÃO	14
2. MÉTODO	18
2.1 Delineamento	18
2.2 Contexto de Pesquisa e Participantes	18
2.3 Instrumentos	20
2.3.1 <i>Grupo focal</i>	20
2.3.2 <i>Questionário biosociodemográfico</i>	20
2.3.4 <i>Observação</i>	21
2.4 Procedimentos Éticos e de Pesquisa	21
2.5 Procedimentos de Análise dos Dados	22
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
3.1 Caracterização do modelo de trabalho cooperado na suinocultura	23
3.2 Vivências de sofrimento no trabalho cooperado	24
3.2.1 Crescimento da cooperativa através da exploração do trabalhador.....	24
3.2.2 Sistema de pagamento: “ <i>uma caixa de surpresa</i> ”	26
3.2.3 Relação de trabalho: onde cooperados se sentem peões.....	29
3.3 Estratégias defensivas frente aos fatores sofrimento	31
3.3.1 Submissão: “ <i>Se pudé engoli engole, se não, toma uma água que desce</i> ”	31
3.3.3 Individualismo.....	32
3.4 Ensaios para a transformação da realidade vivenciada	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

SEÇÃO 2:SUINOCULTOR: VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO PRECARIZADO.....	42
RESUMO	42
ABSTRACT	43
1. INTRODUÇÃO	44
2. MÉTODO.....	47
2.1 Delineamento.....	47
2.2 Contexto de Pesquisa e Participantes.....	47
2.3 Instrumentos	49
2.3.1 Grupo focal	49
2.3.2 Questionário biosociodemográfico	49
2.3.3 Observação.....	49
2.4 Procedimentos Éticos e de Pesquisa	50
2.5 Procedimentos de Análise dos Dados	51
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	51
3.1 Caracterização da organização do trabalho na suinocultura.....	51
3.2 Vivências de prazer no trabalho.....	54
3.3 Vivências de sofrimento no trabalho.....	55
3.3.1 Sobrecarga de trabalho	55
3.2.2 Falta de reconhecimento.....	57
3.3.3 Desgaste gerado pelo trabalho.....	59
3.4 Estratégias defensivas	61
3.4.1 Negação da dor: “ <i>eu não dou bola pras dores</i> ”	61
3.4.2 Racionalização: “ <i>Tem coisa pior que lidá nos chiqueiro</i> ”	61
3.4 Efeitos da pesquisa	62
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO	72
REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO	75
ANEXO A - ROTEIRO TEMÁTICO DOS GRUPOS FOCALIS.....	77
ANEXO B - QUESTIONÁRIO BIOSOCIODEMOGRÁFICO.....	78
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	80
ANEXO D - ROTEIRO DETALHADO DOS GRUPOS FOCALIS	81
ANEXO E – APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA.....	83

LISTA DE FIGURAS

Seção 1 – Trabalho cooperado na suinocultura: emancipação ou precarização?

Figura 1 - Distribuição espacial da produção de suínos no Brasil 19

Figura 2 - Modelo de trabalho cooperado na suinocultura..... 23

Seção 2 - Suinocultor: vivências de prazer e sofrimento no trabalho precarizado

Figura 3 - Descrição das atividades realizadas na suinocultura 53

LISTA DE SIGLAS

- CIAS** – Central de Inteligência de Aves e Suínos
- EMBRAPA** - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- FAO** - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
- LER** – Lesões por Esforço Repetitivo
- DORTs** - Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho
- MST** - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
- PIB** - Produto Interno Bruto
- PPG** - Programa de Pós Graduação em Psicologia
- SEAB** - Secretaria de Agricultura e do Abastecimento
- SC** – Santa Catarina
- SESCOOP** - Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo
- TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UNISINOS** - Universidade de Vale do Rio dos Sinos

SOFRIMENTO SILENCIOSO: ANÁLISE PSICODINÂMICA DO TRABALHO DE SUINOCULTORES

RESUMO

Entender as relações existentes entre o trabalho e os processos de saúde/doença mental é de fundamental importância, tendo em vista o desenvolvimento de ações de prevenção e promoção da saúde do trabalhador. Pouco se sabe sobre estes processos relacionados à saúde do trabalhador rural, especialmente sobre a saúde mental de profissionais que realizam atividades relacionadas à pecuária. Sendo assim, esta dissertação partiu de um estudo que teve o objetivo de analisar as vivências de trabalho de suinocultores. A pesquisa teve um delineamento qualitativo exploratório-descritivo e foi orientada teoricamente pela abordagem da Psicodinâmica do Trabalho. O estudo foi realizado em uma comunidade rural no oeste de Santa Catarina, região brasileira com maior concentração de produtores de suínos. Participaram da pesquisa 16 suinocultores, com idade entre 19 e 67 anos ($M: 45,8$; $DP: 13$). A coleta de dados foi realizada através de dois grupos focais. Além disso, foram realizadas observações do trabalho na suinocultura. Os dados gerados através dos grupos focais foram submetidos à análise de conteúdo e descreveram categorias mistas. Os resultados obtidos nesta pesquisa foram organizados em dois artigos empíricos, que compõem esta dissertação. Na primeira sessão é apresentado o artigo *Trabalho cooperado na suinocultura: emancipação ou precarização?* Os resultados enfatizaram as vivências de sofrimento, atreladas às pressões impostas pela organização do trabalho, à falta de autonomia e de espaços públicos de fala, aos controles excessivos de qualidade e produtividade e, principalmente, ao precário modelo de remuneração praticado. Diante disso foram identificadas estratégias defensivas pautadas na submissão e no individualismo, que culminam em solidão, desesperança e insegurança frente ao futuro. Os participantes não identificaram vivências de prazer frente ao trabalho cooperado. Concluiu-se que o cooperativismo, na experiência dos suinocultores, se apresenta como um fator de precarização, intensificando o processo de sofrimento mental e deixando de contribuir para a emancipação dos trabalhadores. Na segunda sessão encontra-se o artigo intitulado *Suinocultor: vivências de prazer e sofrimento no trabalho precarizado*. Apesar de as vivências de sofrimento terem se destacado, os suinocultores relacionaram o prazer à manutenção da tradição familiar em trabalhar com suínos, ao retorno financeiro atrelado à subsistência familiar e ao cuidado dos animais. Quanto às vivências de sofrimento destacaram-se a sobrecarga de trabalho e o desgaste consequente, intensificados pela falta de reconhecimento e pelo preconceito social relacionado à suinocultura. Como estratégias defensivas foram identificadas a negação da dor e a racionalização, agravando os sintomas de adoecimento relacionados ao trabalho. Desta forma, concluiu-se que esta dinâmica tem gerado danos à saúde, como as frequentes lesões e acidentes de trabalho, dores crônicas, isolamento social, ansiedade e estresse. Através das discussões apresentadas nos artigos pôde-se considerar que o trabalho realizado pelos suinocultores é penoso e ocorre em condições precárias, intensificadas pelas características da organização do trabalho e, fundamentalmente, pelo modelo vigente de trabalho cooperado, que tem contribuído para o agravamento dos danos à saúde física e mental dos trabalhadores.

Palavras-chave: psicodinâmica do trabalho; saúde mental; trabalho; trabalhador rural; suinocultor; cooperativismo.

**SILENT SUFFERING:
PSYCHODYNAMIC OF WORK ANALYSIS OF PIG FARMING**

ABSTRACT

It's extremely important to understand the relationship between work and the health/mental illness processes and keeping in mind the importance of preventative actions and the promotion of the worker's health. Little is known about these processes related to the rural workers' health, especially about the mental health of the professionals who carry out activities related to livestock. Therefore, this dissertation started from a study that aimed to examine the work experiences of pig farming. The study had an approach of an exploratory and descriptive qualitative research design and it was theoretically guided by the Psychodynamic of Work. The study was conducted in a rural community in the western side of Santa Catarina, which is the largest area of pig farmers in Brazil. The research was done with 16 pig farmers, between the ages of 19 and 67 years old (M: 45,8; DP: 13). The data collection was conducted through two focus groups. In addition, other observations were made while working with the pigs. The data generated through the focus groups were subjected to content analysis and described mixed categories. The results obtained in this study were divided into two empirical articles which make up this dissertation. In the first part is presented the article Cooperative Work in Pig Farming: Emancipation or Insecurity? The results emphasized the suffering linked to the pressures imposed by the work organization, lack of autonomy and public speech places, to the excessive control of quality and productivity, and especially to the precarious remuneration model used. Thus it was identified defensive strategies guided by the submission and individualism, which culminate in loneliness, hopelessness and insecurity towards the future. The participants did not show any pleasure towards the cooperative work. We conclude that the cooperative work of pig farmers presents itself as a factor of instability and it intensifies the mental suffering process which fails to contribute for the workers' emancipation. In the second part there is the article titled Pig Farmer: experiences of pleasure and suffering in precarious work. Even though the experiences of suffering have been highlighted, the pig farmers also emphasized the pleasure of keeping the family tradition of working with pigs, the financial return tied to the family subsistence and the care for the animals. What stood out regarding the suffering was the overload of work, which resulted in complete fatigue and it is intensified by the lack of recognition of their work and the social prejudice related to pig farming. Defensive strategies were identified as the denial and rationalization of pain, aggravating the symptoms of work-related illnesses. Thus, we conclude that this type of lifestyle is damaging their health, such as frequent injuries and accidents, chronic pain, social isolation, anxiety and stress. Through the discussions presented in these articles we can conclude that the work done by the pig farmers is painful, and it occurs in precarious conditions which is intensified by the characteristics of work organization and ultimately by the current model of cooperative work, which has contributed to their physical and mental health problems.

Keywords: psychodynamics of work; mental health; work; farm work; pig farming; cooperative.

APRESENTAÇÃO

“Uma das características originais da clínica do trabalho – que também é uma de suas dificuldades – é a de confrontar as questões políticas da organização do trabalho, a experiência da injustiça, as múltiplas faces da opressão. Pode-se dizer que a clínica tem uma vocação para a crítica” (Périlleux, 2013, p.73).

Apesar de representar boa parte da população brasileira, os trabalhadores rurais ainda são pouco investigados, especialmente quando se tratam de estudos acerca dos processos de saúde e adoecimento mental deste grupo no âmbito do trabalho (Schlindwein, 2010). Dentre as inúmeras atividades realizadas no meio rural, a literatura internacional aponta para a pecuária como uma das mais perigosas para a saúde do trabalhador (Cole, Hill & Humenik, 1999; Langley, 1999; Mitloehner & Calvo, 2008; Geng, Torén & Salomon, 2009; Ianbukhtina, Masiagutova & Gainullina, 2011). Apesar disso, os estudos existentes privilegiam aspectos da saúde física das pessoas que realizam esta atividade, trazendo pouco ou nenhum dado acerca das vivências subjetivas no trabalho, das características da organização do trabalho neste meio, ou ainda, dos processos de saúde e adoecimento do trabalhador (Kiryuchuk et al., 1998; Cole et al., 1999; Von Essen & Donham, 1999; Langley, 1999; Martinez, Gratton, Coggin, René & Waller, 2004; Receveur, 2005; Mitloehner & Calvo, 2008; Safin, Masiagutova, Khusnarizanova & Ianbukhtina, 2009; Geng et al., 2009; Gudmundsson & Tómasson, 2009; Donham, 2010; Ianbukhtina et al., 2011). Diante destas lacunas, foi desenvolvido um estudo com o objetivo de analisar as vivências de trabalho de suinocultores, utilizando como pressuposto teórico a abordagem da Psicodinâmica do Trabalho. A pesquisa foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPG) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e teve os dados coletados em uma comunidade rural localizada na região oeste do estado de Santa Catarina (SC).

A escolha pela temática desta investigação está relacionada à convivência com trabalhadores deste meio, em uma região onde a suinocultura representa a principal forma de subsistência das famílias. Acompanhei de perto a história de muitos trabalhadores submissos às políticas comerciais da agroindústria, sem acesso aos meios de proteção social, totalmente vulneráveis às instabilidades climáticas, sem condições dignas de trabalho, mas também, orgulhosos dos alimentos e produtos cultivados, das tradições familiares e do suor depositado

todos os dias em busca de melhores condições de vida. Nesse sentido, construir uma dissertação de mestrado neste cenário e sobre esta população, dando voz às vivências destes trabalhadores, é, sem dúvidas, a concretização de um sonho acadêmico, mas também um compromisso político e social.

Tendo vista o objetivo inicial do projeto de pesquisa, esperava-se conhecer este grupo de trabalhadores ainda pouco investigado, caracterizando a organização do trabalho neste meio e compreendendo a dinâmica existente nas vivências de prazer-sofrimento e estratégias defensivas utilizadas para lidar com o sofrimento. No entanto, no decorrer da análise dos dados, emergiu, *a posteriori*, uma temática central que marcaria profundamente as vivências de trabalho dos participantes: o cooperativismo e as características do trabalho cooperado na suinocultura. Sendo assim, apesar de abordarem temas totalmente associados, didaticamente, optou-se pela construção de dois artigos empíricos, um deles fundamentado nas vivências dos suinocultores frente ao modelo de trabalho cooperado, e o outro, com foco nas vivências cotidianas do trabalho na suinocultura.

Desta forma, esta dissertação está organizada em duas seções: a primeira, composta pelo artigo intitulado *Trabalho cooperado na suinocultura: emancipação ou precarização?*, com o objetivo principal de analisar as vivências de prazer e de sofrimento de suinocultores frente ao modelo de trabalho cooperado; e a segunda, formada pelo artigo denominado *Suinocultor: vivências de prazer e sofrimento no trabalho precarizado*, com o objetivo principal de analisar as vivências de prazer e de sofrimento no trabalho dos suinocultores investigados. Espera-se que esta investigação atribua maior visibilidade para este grupo de trabalhadores, oferecendo um entendimento acerca da dinâmica existente entre a organização do trabalho, as vivências de prazer-sofrimento e as estratégias defensivas utilizadas, sem deixar de problematizar os aspectos precarizadores do trabalho cooperado no meio rural.

SEÇÃO 1
TRABALHO COOPERADO NA SUINOCULTURA:
EMANCIPAÇÃO OU PRECARIZAÇÃO?

RESUMO

Este estudo teve o objetivo de analisar as vivências de prazer e sofrimento de suinocultores frente ao modelo de trabalho cooperado. Também buscou caracterizar o trabalho cooperado na suinocultura, além de compreender as estratégias defensivas utilizadas pelos trabalhadores para lidar com o sofrimento. O estudo teve um delineamento qualitativo e contou com a participação de 16 suinocultores vinculados a uma cooperativa regional, com idade entre 19 e 67 anos (*M*: 45,8; *DP*: 13). A coleta ocorreu na região oeste de Santa Catarina e foi realizada através de dois grupos focais e de observações do trabalho na suinocultura. Os dados obtidos através dos grupos focais foram submetidos à análise de conteúdo e descreveram categorias mistas. As vivências de sofrimento se mostraram atreladas ao crescimento da cooperativa através da exploração dos cooperados, à falta de autonomia e de espaços públicos de fala, aos controles excessivos de qualidade e produtividade, e principalmente, ao precário modelo de remuneração praticado. Diante destes fatores foram identificadas estratégias defensivas pautadas na submissão e no individualismo, o que tem desencadeado experiências de solidão, desesperança e insegurança frente ao futuro. Os participantes não reconheceram vivências de prazer frente ao trabalho cooperado. Através dos resultados obtidos, concluiu-se que o modelo vigente de cooperativismo se apresenta como um fator de precarização, intensificando o processo de sofrimento mental e deixando de contribuir para a emancipação e desenvolvimento dos suinocultores.

Palavras-chave: psicodinâmica do trabalho; saúde mental; trabalhador rural; suinocultor; trabalho cooperado.

COOPERATIVE WORK IN PIG FARMING: EMANCIPATION OR INSECURITY?

ABSTRACT

This study aimed to analyze the experiences of pleasure and suffering of pig farmers in relation to the cooperative work model. It also demonstrated the characteristics of cooperative work in pig farming, as well as the understanding of the defensive strategies used by the workers to deal with their suffering. The study had a qualitative research design that was done with 16 pig farmers that are linked to a regional cooperative. The farmers are between the ages of 19 and 67 years old (M: 45,8; DP: 13). The collection of data occurred in the western area of Santa Catarina and was conducted through two focus groups as well as observations of the work with pigs. The data obtained from the focus groups were subjected to content analysis and described mixed categories. The experience of suffering is shown to be tied to the growth of the cooperative through the exploitation of its members, the lack of autonomy and public speech places, to the excessive control of quality and productivity, and especially to the precarious remuneration model used. Thus it was identified defensive strategies guided by the submission and individualism, which culminate in loneliness, hopelessness and insecurity towards the future. The participants did not show any pleasure towards the cooperative work. In accordance with the results obtained, we conclude that the cooperative work of pig farming presents itself as a factor of instability and it intensifies the mental suffering process which fails to contribute for the workers' emancipation.

Keywords: psychodynamic of work; mental health; rural workers; pig farmer; cooperative work.

1. INTRODUÇÃO

As cooperativas tiveram origem no Brasil através dos movimentos coletivos dos trabalhadores nos anos 1980, muito mais pautados na manutenção dos empregos diante do desemprego formal, do que no desenvolvimento de um movimento de autogestão. O cooperativismo também é considerado resultado da reestruturação econômica ocorrida em meados dos anos 1990, que ganhou força com as políticas neoliberais no governo Collor, gerando flexibilização pela ausência de contrato de trabalho e responsabilização do trabalhador que, por sua vez, passou a se dedicar mais ao trabalho para garantir sua fonte de renda (Lima, 2009). Dentre os diversos tipos de cooperativas destacam-se àquelas onde ocorre a venda de mão de obra para terceiros, e àquelas onde as pessoas se organizam para gerar renda a partir da fabricação de algum produto (Oliveira, 2007).

No Brasil, o debate sobre as cooperativas é polêmico e está pautado em dois modelos diferentes: por um lado, o “cooperativismo autêntico”, apoiado pela Economia Solidária e caracterizado pela utilização dos princípios da autogestão e emancipação dos trabalhadores; por outro lado, o “cooperativismo tradicional” que segue uma orientação de mercado, inserindo-se em uma perspectiva empresarial e representado pela Organização das Cooperativas Brasileiras (Lima, 2009, p.113). Apesar das diferenças, estes dois modelos estão amparados pelos mesmos fundamentos legais, representados pela Lei Nº 5.764 (1971) que estabelece a Política Nacional de Cooperativismo e pela Lei Nº 12.690 (2012) que institui o Programa Nacional de Fomento às Cooperativas de Trabalho.

O conceito legal de uma Cooperativa de Trabalho presume que ela seja constituída pelos próprios trabalhadores para a realização de atividades profissionais com proveito comum, autonomia e autogestão, com o intuito de “obterem melhor qualificação, renda, situação socioeconômica e condições gerais de trabalho” (Lei Nº 12.690, 2012, p.01). Além disso, entre os princípios fundamentais de funcionamento das cooperativas, esta mesma Lei institui requisitos como: gestão democrática; autonomia e independência dos cooperados; educação, formação e informação; preservação dos direitos sociais, do valor social do trabalho e da livre iniciativa; e não precarização do trabalho.

Apesar destas definições, com a expansão do cooperativismo, muitas empresas industriais e agrícolas, com intuito de reduzirem os custos da aplicação do trabalho humano, criaram cooperativas visando à intermediação de mão de obra (Oliveira, 2007). Algumas cooperativas passaram a ser geridas pelas empresas contratantes, tornando-se um instrumento

de precarização do trabalho através da substituição do trabalho assalariado regular, por trabalho contratado autônomo (Singer, 2004).

A precarização está relacionada ao movimento neoliberal e à flexibilização das relações trabalhistas, sendo caracterizada pela fragilização dos vínculos empregatícios, pela competitividade exacerbada, pelas pressões impostas pela organização do trabalho e pelas más condições de trabalho e de saúde (Franco, Druck & Seligmann-Silva, 2010). No trabalho precário, o trabalhador assume sozinho os riscos empregatícios, isentando a responsabilidade dos empregadores e do próprio governo (Kalleberg, 2009, p. 01). Este cenário gerado ou, intensificado, por alguns modelos de trabalho cooperado justifica as inúmeras críticas direcionadas ao cooperativismo, principalmente porque em muitos casos as cooperativas fazem uso de uma legislação e ideologia que facilita a exploração e a submissão dos trabalhadores, ao invés de seu desenvolvimento e emancipação (Carelli, 2002; Lima, 2004; Singer, 2004; Oliveira, 2007).

No entanto, muitas cooperativas, pautadas em uma ideologia diferenciada, significaram uma alternativa de ocupação e de geração de renda para trabalhadores excluídos socialmente ou sem opção de emprego, nas quais foram adotados sistemas de autogestão, onde os trabalhadores se tornaram proprietários e participaram efetivamente da condução do negócio (Lima, 2009). Estudos como o de Arfknecht, Merlo e Nardi (2006), Espírito Santo, Silva, Velloso e Mendonça Sobrinho (2006) e Miranda e Garcia (2010), apresentam experiências de trabalhadores em cooperativas que, de fato, parecem ter contribuído para a emancipação e empoderamento de seus cooperados.

A expansão, ou como mencionado por Singer (2004), o verdadeiro “surto” de cooperativas também ganhou força no meio rural, impulsionado do mesmo modo, pela reestruturação e globalização da economia (Martinez, Lins & Pires, 2002). Se por um lado, o trabalho e o trabalhador rural, profundamente transformados pela necessidade de utilização de novas tecnologias agrícolas, inserção empresarial no campo, intensa concentração fundiária e crescimento das exportações e do agronegócio, buscaram recursos de fortalecimento através das cooperativas; por outro lado, grandes empresas podem ter percebido uma oportunidade de expansão e de redução de custos através da contratação indireta de mão de obra pautada no trabalho cooperado. Conforme dados do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP) (2011), o ramo agropecuário é líder nacional na quantidade de cooperativas, acumulando aproximadamente 969.541 cooperados distribuídos em 1.523 organizações, que são responsáveis por prover 40% do Produto Interno Bruto (PIB) agrícola (FAO, 2012). Neste meio, uma atividade marcada pelo modelo de trabalho cooperado é a

suinocultura, onde atualmente, mais de 75% dos suinocultores brasileiros são vinculados à cooperativas que intermediam a relação destes trabalhadores com a agroindústria, caracterizando-se como cooperativas de mão de obra (SEAB, 2013).

A suinocultura é considerada uma atividade de alta tecnologia, realizada por propriedades rurais pequenas ou médias, e inserida em uma complexa cadeia produtiva. A produção integrada ocorre através do fornecimento de insumos, tecnologias, métodos e procedimentos de trabalho por parte das indústrias processadoras de alimentos ao suinocultor que, por sua vez, produz e entrega o suíno desenvolvido para o abate. O papel das cooperativas neste cenário é o de intermediar a venda dos animais produzidos pelo produtor rural à agroindústria (SEAB, 2013). Atualmente, o Brasil está posicionado no quarto lugar do ranking mundial de produção e exportação de carne suína, com crescimento de 8% no ano de 2012 (Brasil, 2012). Na região sul a suinocultura está entre as atividades mais importantes, representando 50% da produção brasileira, sendo o estado de Santa Catarina o maior produtor nacional, seguido pelo Paraná e Rio Grande do Sul (Embrapa, 2012; SEAB, 2013).

Apesar da crescente ampliação e representatividade econômica da suinocultura no Brasil e no mundo, estudos nacionais e internacionais têm focado suas investigações no levantamento dos riscos físicos associados à atividade, apontando para uma escassez de investigações acerca da organização do trabalho na suinocultura e da saúde mental deste grupo de trabalhadores (Kiryuchuk et al., 1998; Cole et al., 1999; Von Essen & Donham, 1999; Langley, 1999; Martinez, Gratton, Coggin, René & Waller, 2004; Receveur, 2005; Mitloehner & Calvo, 2008; Safin, Masiagutova, Khusnarizanova & Ianbukhtina, 2009; Geng et al., 2009; Gudmundsson & Tómasson, 2009; Donham, 2010; Ianbukhtina et al., 2011). Da mesma forma, são raros os estudos sobre as vivências subjetivas de trabalhadores inseridos em cooperativas rurais, ou mesmo, sobre o papel destas organizações no processo de saúde e de adoecimento dos cooperados.

Uma revisão sistemática realizada nas bases LILACS, Index Psi, PePSIC, SCIELO e Biblioteca Cochrane, considerando o período de junho de 1999 à junho de 2013 e utilizando o descritor “cooperativismo”, identificou 102 documentos. Deste total, foram selecionados e analisados 61 artigos, os outros 41 foram excluídos por tratarem de conteúdos não relacionados ao cooperativismo ou por estarem repetidos nas bases. Os resultados da análise apontaram que grande parte dos estudos era sobre cooperativas industriais, de professores, de profissionais da saúde, de catadores de materiais recicláveis, de artesanato, entre outras. Apenas 16 estudos estavam relacionados ao cooperativismo no meio rural, sendo que a grande maioria (13) teve como objetivo investigar aspectos da administração financeira,

falência, estratégias de crescimento e capital das cooperativas, um artigo teórico discutiu o cooperativismo no contexto do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), e dois eram estudos de caso de cooperativas rurais, detendo-se ao relato de experiência das organizações quanto à gestão participativa e ao modelo de governança. Não foram identificados estudos acerca das vivências de trabalho, saúde ou adoecimento de trabalhadores inseridos em cooperativas rurais.

Sabe-se que a organização do trabalho é considerada determinante nas manifestações do processo saúde/doença dos trabalhadores, deste modo, analisar a organização do trabalho cooperado e o reflexo de suas características na saúde mental do trabalhador é de fundamental importância para o desenvolvimento de ações capazes de intervir nas situações que estejam gerando danos aos profissionais (Dejours, 1992; Mendes, 2007a; Heloani & Lancman, 2004). A psicodinâmica do trabalho, apresentada por Christophe Dejours em 1980, tem sido utilizada como construto teórico e metodologia de pesquisa em diversos estudos com o intuito de facilitar o entendimento acerca das relações entre a organização do trabalho e os processos de saúde e adoecimento do trabalhador. A abordagem clínica dispõe de recursos de investigação e ação sobre o trabalho, capazes de analisar criticamente e possibilitar a transformação da organização do trabalho, de modo que o trabalho torne-se mais prazeroso e gratificante (Mendes, 2007a).

O conceito de organização do trabalho está atrelado aos aspectos da divisão do trabalho e da divisão dos homens. A divisão do trabalho está relacionada ao escopo de atuação dos trabalhadores, ao modo como as atividades são organizadas, ao ritmo, à repartição e às prescrições de modo geral. Já a divisão dos homens é composta pelas características de gestão que atuam na codificação e definição das relações de trabalho, tais como: os controles existentes, a hierarquia, o grau de autonomia, as possibilidades de cooperação e comunicação, as relações de poder e o comando de modo geral (Dejours & Abdoucheli, 2011). Desta forma, a organização do trabalho é diferenciada das condições de trabalho, sendo o segundo conceito definido como tudo que inclui o ambiente físico, químico e biológico, ou mesmo, as condições de saúde, segurança e higiene no trabalho. De acordo com Dejours (1992), as condições de trabalho se refletem no corpo do trabalhador, enquanto que a organização do trabalho atua no nível do funcionamento psíquico. Portanto, esta organização pode se apresentar como fator de fragilização mental dos profissionais sendo também responsável pelo estado de saúde mental de seus integrantes.

O sofrimento, considerado inerente ao trabalho, se intensifica quando a negociação entre o sujeito e a realidade apresentada pela organização do trabalho deixa de existir. Além

disso, fatores como a precarização da organização do trabalho, a necessidade de sobrevivência e a desestruturação do coletivo vulnerabilizam o trabalhador frente ao sofrimento e podem direcioná-lo para o desenvolvimento de estratégias defensivas mais pautadas na fuga ou negação do sofrimento, do que na mobilização para transformação da organização do trabalho. Funcionamento que, se prolongado por muito tempo, pode desencadear patologias do trabalho (Mendes, 2007a). Por outro lado, o prazer proveniente do trabalho, se estabelece através da mobilização subjetiva, especialmente, quando há espaço para que o trabalhador possa enfrentar ou transformar as imposições e as pressões estabelecidas pelo trabalho, se sentindo reconhecido por fazer uso de sua inteligência e subjetividade (Mendes, 2007a).

Tendo em vista os pressupostos e também as lacunas teóricas aqui apresentadas, este estudo teve o objetivo principal de analisar as vivências de prazer e sofrimento de suinocultores frente ao modelo de trabalho cooperado, e os objetivos específicos de caracterizar o trabalho cooperado na suinocultura e de compreender as estratégias defensivas utilizadas pelos trabalhadores para lidar com o sofrimento. A contribuição desta investigação está pautada na possibilidade de tornar conhecidas as vivências destes trabalhadores com relação ao trabalho cooperado, possibilitando reflexões acerca dos efeitos deste modelo na saúde mental dos suinocultores, e no quanto ele contribui, de fato, para a emancipação ou para a precarização do trabalho na suinocultura.

2. MÉTODO

2.1 Delineamento

Esta pesquisa foi desenvolvida conforme o método exploratório descritivo, a partir de uma perspectiva qualitativa, capaz de permitir que a singularidade de cada sujeito seja considerada no processo de construção do conhecimento (Rey, 2005). A escolha por este delineamento partiu de um dos pressupostos principais da psicodinâmica do trabalho, de que os estudos neste contexto devem apoiar-se em delineamentos que facilitem a livre expressão do trabalhador e uma escuta, por parte do pesquisador, mais voltada para o que diz o trabalhador, do que para a realidade em si, sendo o foco sempre na vivência subjetiva e na relação com o trabalho (Dejours, 2004).

2.2 Contexto de Pesquisa e Participantes

Este estudo contou com a participação de 16 suinocultores, oito homens e oito mulheres, com idade entre 19 e 67 anos (M: 45,8; DP: 13). Com relação à escolaridade, nove participantes não haviam completado o ensino fundamental, seis haviam completado e um participante possuía ensino médio completo. No momento da pesquisa, os participantes eram todos casados, sendo que dois não tinham filhos e os demais tinham de um a nove filhos. Dois participantes se declararam terceiros e todos os outros eram proprietários do negócio.

Os suinocultores estavam vinculados a uma cooperativa regional, e todos residiam em uma comunidade rural do oeste de Santa Catarina. Os trabalhadores cuidavam de 330 a 1025 suínos (M: 540,6; DP: 211) e o tempo de atuação na suinocultura variou de dois anos e cinco meses a 45 anos (M: 17,8; DP: 17). Os trabalhadores realizavam a etapa produtiva da suinocultura denominada *terminação*, na qual ocorre a engorda dos suínos para posterior abate. Quanto à renda familiar mensal, 11 participantes declararam receber entre um e dois salários mínimos e os outros cinco participantes, entre dois e três salários mínimos.

Na região de realização do estudo, a suinocultura possui forte importância econômica e somente no estado, conta com cerca de 12.000 suinocultores, empregando diretamente 65.000 pessoas e indiretamente, mais de 140.000. Como pode ser observado na Figura 1, o estado é responsável por 25% da produção nacional de carne suína, e na região oeste concentram-se 70% de todo rebanho de Santa Catarina (Associação Catarinense de Criadores Suínos, 2008).

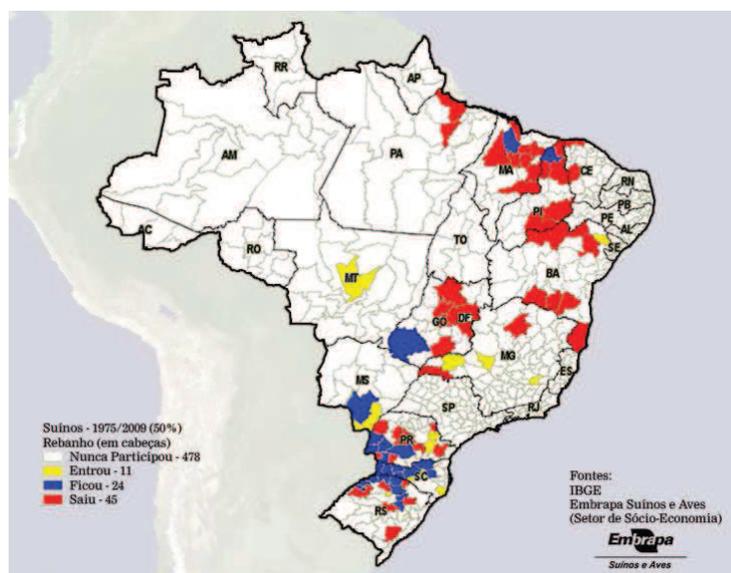


Figura 1

Distribuição espacial da produção de suínos no Brasil (CIAS, 2012)

Os critérios de inclusão deste estudo foram: suinocultores proprietários ou terceiros; que estivessem na atividade há pelo menos dois anos; que declarassem como atividade principal a suinocultura; maiores de 18 anos; independente do grau de escolaridade; sendo que poderiam realizar outras atividades rurais além da suinocultura; e poderiam ser familiares. O critério de exclusão estabelecido foi de que proprietários e terceiros de uma mesma propriedade não poderiam participar do mesmo grupo focal, impedindo possíveis constrangimentos nos relatos quanto aos aspectos relacionados ao trabalho. Com o intuito de facilitar a análise dos dados e preservar a identidade dos participantes, os nomes dos suinocultores do primeiro grupo foram substituídos por Ana, Maria, Clara, Paulo, André, Lucas, Laura e João, e os nomes dos participantes do segundo grupo por substituídos por Lurdes, Márcia, Pedro, Marcelo, Luiz, Paula, Ricardo e Sônia. Da mesma forma, a cooperativa na qual os participantes estavam vinculados foi chamada de Cooperativa 1 e a empresa processadora de alimentos recebeu o nome de Empresa X.

2.3 Instrumentos

2.3.1 Grupo focal

A técnica de grupo focal privilegia o aspecto interativo da coleta de dados, possibilitando a produção de dados e *insights* que seriam menos acessíveis sem a interação gerada pelo grupo (Morgan, 1997). Deste modo, são organizados encontros grupais que possibilitam discussões aprofundadas e consistentes sobre o tema em foco (Morgan, 1997; Romero, 2000). O número de participantes foi definido de acordo com as indicações de Morgan (1997) e a condução das discussões foi feita através de um roteiro (Anexo A) adaptado a partir do modelo apresentado por Mendes (2007b). O roteiro foi composto por temas como: organização do trabalho; vivências de sofrimento; estratégias defensivas utilizadas e possibilidades de transformação da organização do trabalho.

2.3.2 Questionário biosociodemográfico

Com o objetivo de identificar as características dos participantes e de levantar informações sobre a relação formal que possuem com o trabalho, foi construído, exclusivamente para este estudo, um questionário biosociodemográfico (Anexo B). No questionário foram incluídos itens sobre: idade, sexo, escolaridade, características familiares,

características formais da relação com o trabalho e com a profissão, bem como, dados sobre a possível ocorrência de lesões e acidentes decorrentes do trabalho.

Foi realizado um estudo piloto do roteiro utilizado para condução dos grupos focais, bem como do questionário biosociodemográfico, ambos foram aplicados em dois trabalhadores rurais selecionados por conveniência. Após a aplicação, foram realizados alguns ajustes nos instrumentos.

2.3.4 Observação

Com o objetivo de aproximar o pesquisador da realidade vivenciada pelos trabalhadores, foi utilizada a técnica de *observador-como-participante*, na qual o pesquisador se identifica como tal e realiza observações livres durante breves períodos (Angrosino, 2009). Na pesquisa qualitativa, a técnica da observação significa examinar determinado evento, grupo de pessoas ou contexto com o objetivo de descrevê-lo (Flick, 2004). Os dados provenientes das observações foram registrados em diário de campo.

2.4 Procedimentos Éticos e de Pesquisa

Este estudo seguiu as diretrizes da Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (2000), bem como da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1996) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unisinos, número 12/132 (Anexo E). Após a aprovação do projeto teve início o procedimento de seleção dos participantes através da metodologia *snowball* ou “Bola de Neve”, definida como um processo no qual os primeiros participantes identificados indicam outros, que por sua vez indicam outros, e assim sucessivamente (Biernacki & Waldorf, 1981). Deste modo, primeiramente houve a aproximação do pesquisador com o campo investigado, para posterior identificação de alguns suinocultores, coleta de indicações de possíveis participantes e visitas às residências dos indicados para a formalização dos convites para participação da pesquisa.

Os grupos focais foram realizados na própria comunidade dos participantes e organizados em dois encontros, com duração média de uma hora e quarenta e cinco minutos, sendo que cada grupo contou com a participação de oito trabalhadores. Os encontros foram filmados em vídeo e áudio e conduzidos por uma moderadora (pesquisadora responsável pelo estudo) e por uma co-moderadora (estudante da área da saúde). A co-moderadora recebeu

uma capacitação de quatro horas, incluindo explicações sobre o estudo, sobre a técnica de grupos focais e também, instruções gerais para a condução dos encontros.

No início do primeiro encontro foram realizadas as apresentações da moderadora e da co-moderadora, a apresentação clara e sucinta dos objetivos da pesquisa, a leitura e coleta de assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C), bem como a entrega do Questionário Biosociodemográfico, preenchido pelos próprios participantes. Para a condução do primeiro encontro, foi utilizado um roteiro com tópicos elaborados a partir dos objetivos da pesquisa. No final do encontro foram agendadas as observações do trabalho dos suinocultores.

No segundo encontro foi realizada a validação dos conteúdos obtidos no primeiro encontro, além de uma atividade na qual os participantes foram convidados a discutir e registrar em cartazes possibilidades e sugestões de melhorias para suas vivências/condições de trabalho. O detalhamento completo da condução dos dois encontros pode ser apreciado no Anexo D. Foram acompanhadas as atividades de todos os trabalhadores que possuíam suínos durante a coleta de dados, totalizando 15 horas de observação livre. A coleta de dados foi efetivada nos meses de janeiro e fevereiro de 2013, sendo que seis meses depois foi realizada a devolução dos resultados do estudo aos suinocultores e à Cooperativa 1.

2.5 Procedimentos de Análise dos Dados

Os dados gerados, a partir dos grupos focais, foram transcritos na íntegra e analisados através da metodologia de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (1977). O procedimento de análise contou com as seguintes fases: leitura completa do material; codificação das falas para posterior agrupamento em categorias analíticas; descrição das categorias e desenvolvimento das relações entre elas; interpretação do material. A análise de dados empregada permitiu a extração de três categorias definidas *a priori*: caracterização do modelo de trabalho cooperado na suinocultura; vivências de sofrimento no trabalho cooperado; e estratégias defensivas frente ao sofrimento. Enquanto que, *a posteriori*, foi identificada a categoria: ensaios para a transformação da realidade vivenciada. As informações coletadas através do questionário biosociodemográfico foram analisadas de maneira descritiva e os registros em diário de campo foram utilizados para a descrição do modelo de trabalho cooperado na suinocultura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Caracterização do modelo de trabalho cooperado na suinocultura

O trabalho dos participantes deste estudo é organizado e gerido por uma grande empresa processadora de alimentos (Empresa X), constituída por inúmeras cooperativas que, por sua vez, possuem o papel de intermediar a relação de trabalho com os suinocultores, e também, de comercializar os suínos produzidos. Nesta dinâmica, os suinocultores oferecem a infraestrutura necessária para o recebimento dos suínos e a mão de obra de trabalho, sem nenhuma relação formal de trabalho com a cooperativa na qual são vinculados (Cooperativa 1).

A Cooperativa 1 dispõe aos produtores suporte técnico, alimentação para os suínos, medicação e insumos em geral, que são descontados ao final do ciclo produtivo, quando os suínos são comprados, abatidos e comercializados pela Empresa X. Além de cooperado, o suinocultor é cliente dos diversos estabelecimentos comerciais e industriais da Cooperativa 1. Com isso, muitas vezes, o lucro obtido na venda dos suínos retorna totalmente para a cooperativa, efetivando o pagamento das dívidas geradas pelas compras de supermercado, combustível e ferramentas. Esta dinâmica pode ser mais bem compreendida na Figura 2, construída a partir dos registros realizados em diário de campo:

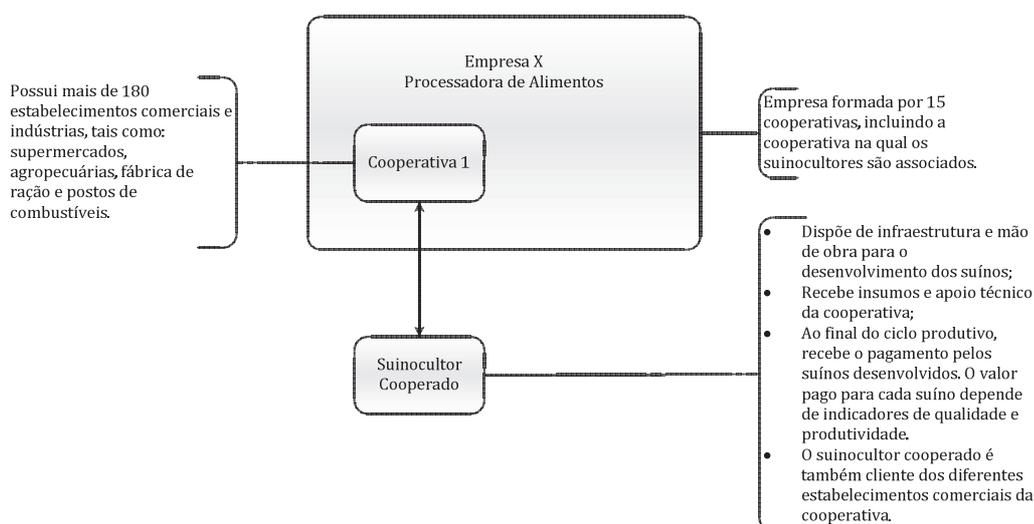


Figura 2

Modelo de trabalho cooperado na suinocultura. Figura elaborada pela autora.

Os suinocultores recebem o pagamento pelo trabalho realizado a cada quatro meses, o que corresponde a um ciclo produtivo. O resultado financeiro está atrelado a indicadores de qualidade e de produtividade, tais como: conversão alimentar (quantidade de ração versus o peso dos suínos), taxa de mortalidade e peso da carcaça do animal. O valor final de cada suíno, considerando os descontos dos insumos fornecidos, pode variar de 8,00 a 24,00 reais, sendo que cada animal entregue pesa em média 120 kg. No caso dos trabalhadores terceiros, o proprietário das pocilgas¹ repassa um percentual do lucro obtido com a venda dos suínos.

3.2 Vivências de sofrimento no trabalho cooperado

3.2.1 Crescimento da cooperativa através da exploração do trabalhador

Apesar de se tratar de uma cooperativa, que legalmente, deveria constituir-se como um espaço de emancipação dos trabalhadores através da prática da autogestão, da garantia dos direitos sociais, da livre iniciativa e, principalmente, da não precarização do trabalho (Lei Nº 12.690, 2012), o modelo de gestão vivenciado pelos suinocultores nada se difere daquele praticado por grandes empresas orientadas para o mercado (Lima, 2009). Na perspectiva dos participantes, a cooperativa possui um ideal de lucro e tem crescido consideravelmente nos últimos anos, enquanto eles têm presenciado a redução gradativa dos valores recebidos e o aumento das exigências de produtividade. Algumas falas demonstram este achado: *“Mas na minha opinião a cooperativa só ganha, eles vivem gastando dinheiro, fazendo prêmios, festas, crescendo e nós só ganhamos menos. Eles tiram muito dinheiro de nós”* (Pedro); *“Eles tão reduzindo a conversão, mudaram a tabela, a gente precisa tratar menos e os porco têm que pesar mais”* (Laura); *“Cada lote eles mudam alguma coisa...Eles tão diminuindo a ração e aumentando a exigência de engorda”* (João); *“Que nem, se tu faz um lote bão, eles querem que o outro lote de mais bão ainda, e assim vai”* (Clara).

Os suinocultores salientaram que nos últimos anos houve um aumento dos controles de qualidade e os processos produtivos tornaram-se mais rígidos, gerando mudanças constantes nas normas de trabalho, além de burocracia e prejuízos financeiros, conforme relatos: *“É tudo determinado pelos técnico. É, tu tem que seguir as quantidade de ração, as medicação”* (André); *“É, não dá pra fazer como tu quer, tem que seguir uma norma deles”* (Pedro); *“Quando foi começado a gente tratava à vontade e os porco davam bem melhor.*

¹ Pocilga é o nome atribuído ao local onde os suínos são criados.

“Agora é tudo controlado e dá ruim” (Lucas). Na visão destes trabalhadores os padrões de qualidade agem de maneira contraditória, reduzindo os bons resultados gerados pelo trabalho. Neste cenário, a inteligência prática do suinocultor é totalmente desconsiderada pelas normas e procedimentos de trabalho, dificultando que o saber construído ao longo dos anos seja utilizado para a realização das atividades.

Os participantes também trouxeram a percepção de que a preocupação e a fiscalização com relação às normas de qualidade são aplicadas apenas para eles, visto que constantemente recebem suínos em condições impróprias, o que acaba prejudicando o resultado do trabalho. Alguns relatos ilustram esta vivência: *“[...] lá em casa eu recebi já um leitão de catorze quilo, na nota dizia que ele tinha dezenove, mas ele tinha catorze, nós pesamo. Depois ainda tiveram coragem de dizer que o problema foi que nossa balança tava errada”* (Luiz); ou ainda *“Eles falam bastante em qualidade né, mas muitas vezes já vem os leitão doente, vem eles fraco, bem ruim, como a gente vai fazer milagre?”* (Lucas). Além disso, foi mencionado que os técnicos, responsáveis pela fiscalização dos itens de qualidade no trabalho, falsificam registros de visitas e acompanhamentos: *“No último lote ele marcou umas visitas a mais que ele não foi... Mas ele não fez essas visitas. E não é só lá em casa”* (Luiz).

Quando questionados sobre o motivo pelo qual a cooperativa realizava esta prática de gestão, pautada na intensificação dos controles de qualidade e no aumento das exigências de produtividade, os suinocultores trouxeram o discurso de que a instituição também é vítima do sistema político e econômico vigente, e que cobra, porque também é cobrada: *“Isso vem de cima né, os país que compram as carne exigem esses controles de qualidade. Eles que fiscalizam a gente, também são mandado, tem que fazer o que vem de cima. Vai apertando pra baixo e chegando na gente”* (Lucas). Com isso, surgem sentimentos de solidão e impotência diante dos fatores geradores de sofrimento: *“A Empresa X só cresce, está se tornando única aqui na região, comprou várias outras empresas, só cresce. Não temo o que fazê, somo fraco demais. E a gente se fosse unido, também podia conseguir as coisas, nós sozinho não vencemo eles que são grande demais”* (João). Estas vivências remetem aos impactos gerados pelo modo de acumulação flexível de capital, pautado no individualismo e na intensificação do trabalho, que tem sido fonte inesgotável de sofrimento e solidão, contribuindo consideravelmente para o aumento das patologias relacionadas ao trabalho (Dejours & Bègue, 2010).

Através destes dados percebe-se que o crescimento econômico da Cooperativa 1 não está atrelado às melhorias nas condições de trabalho e na qualidade de vida dos suinocultores,

gerando uma dissociação entre expansão do lucro e desenvolvimento social (Sabroza, Leal & Buss, 1992). Corroboram estes resultados, estudos anteriores acerca do agronegócio no meio rural, que demonstraram que o modelo vigente de desenvolvimento econômico da agricultura brasileira, além de causar grandes transformações nos territórios, transforma o modo de vida e o cenário de saúde, constituindo um espaço desprovido de condições dignas de trabalho que impactam diretamente na qualidade de vida do trabalhador rural (Pessoa & Rogotto, 2012). Além disso, o cooperativismo que poderia apoiar na transformação deste cenário e no empoderamento dos trabalhadores atua como ferramenta de submissão, exploração e intensificação do sofrimento dos suinocultores.

3.2.2 Sistema de pagamento: “*uma caixa de surpresa*”

Uma das dimensões do trabalho precarizado é a fragilização do vínculo trabalhista e da relação contratual, caracterizada pela perda dos direitos do trabalhador, como por exemplo, reduções salariais, ausência de benefícios diretos e indiretos, entre outros. Estas perdas levam à desestabilização e à ausência dos referenciais de proteção social, gerando insegurança, competitividade e instabilidade, condições que abrem espaço para a gestão pelo medo (Franco, Druck & Seligmann-Silva, 2010). Esta importante dimensão do trabalho precário é considerada pelos suinocultores uma das principais fontes de sofrimento, na medida em que impacta e altera a vida dentro e fora do trabalho.

Os trabalhadores, de modo geral, não entendem como são calculados os valores que compõe o pagamento, o que gera a sensação de que não estão recebendo corretamente: “*Uma vez nós tinha um lote que o técnico falou que se os porco pesassem cento e dezenove quilo ia dar bom o lote, porque ele já tava comparando com o que os porco tinham comido. Deu cento e vinte e quatro quilo e em dinheiro deu péssimo, até hoje eu não entendo o que deu ali*” (Ana). A falta de previsão do valor que será recebido ao final dos quatro meses do ciclo produtivo provoca insegurança, como pode ser observado nestes relatos: “*Tipo assim, é muita indiferença. Às vezes tu manda um lote que tu acha que vai bem e acaba indo mal, ou tu manda um lote que tem tudo pra ir mal e vai bem. Tem muita diferença assim, tu não sabe o que esperar. Tu não sabe se vai dar bem ou mal [...] Eu me sinto muito inseguro com isso, não sei o que esperá do futuro*” (Luiz); “*Realmente, é uma caixa de surpresa*” (Ricardo); “*Eles pagam por conversão, daí conta o consumo de ração e mortalidade também, tudo vai sendo descontado. Daí no final do lote é assim: se morreu pouco porco dá mal porque eles não deram peso, se morreu muito porco, dá mal porque morreu demais. Daí tu vai fazer o*

quê?”(André). Quando questionados sobre o que faziam diante da incerteza do pagamento ou da não concordância sobre os valores pagos, os trabalhadores mostraram pouca ou nenhuma condição de questionamento e mobilização: “*Tu vai fazer o quê? Tu tem que pegar aquilo ali e aceitar o que eles disseram*” (Lucas); “*Quando tu vai lá, já saiu o relatório de pagamento daí não tem mais o que fazer, tem que aceitar e pronto*” (Luiz).

Este cenário parece se agravar com os trabalhadores terceirizados, visto que não realizam atividades alternativas na agricultura e dependem unicamente do resultado proveniente da suinocultura: “*E nós que trabalhamos pros outros, só temos aquele salário pra viver, se der mal a gente fica sem dinheiro. Dá uma miséria [...] Cada lote que dá mal eu entro em desespero. Tu fica ali quatro meses trabalhando e no final não dá quase nada, é muito triste. Final de semana direto ali, feriado, tudo... E chega no final não dá nada. Quem não fica desesperado?*” (Maria). Desta forma, pode-se perceber que, se por um lado a realização de atividades rurais alternativas aumenta a sobrecarga de trabalho acarretando falta de tempo para descanso e inúmeros efeitos sobre a saúde do trabalhador, por outro lado, atenua a insegurança e os prejuízos gerados pela instabilidade do pagamento na suinocultura, representando outra fonte de renda. Nesta dinâmica, o trabalhador se torna refém do próprio sistema no qual está inserido, ou trabalha em excesso para conquistar o sustento da família, ou se dedica a uma única atividade rural e se submete a viver com a incerteza do sustento.

No caso dos proprietários, um fator agravante é que para a construção das pocilgas são realizados longos financiamentos, sendo parte do resultado financeiro obtido com os suínos, destinado para o pagamento destes valores. Desta forma, o recebimento de valores variáveis ou mesmo de resultados pouco satisfatórios, implica diretamente no adiamento ou no não pagamento das parcelas dos empréstimos realizados. Esta situação pode ser identificada nas falas: “*Tu fica véinho e ainda tá pagando [...] É sofrido*” (João); “*E tu pode ver, se tem uma coisa mais importante assim, que nem os financiamento, tu não consegue dormir, outra noite eu me acordei cinco vez. É uma coisa que tu dorme mal. Cinco vez. É demais acordado*” (Ana). De acordo com Silva (2007, p. 116) o endividamento atua como um “banalizar das relações sociais”, sendo que na condição de endividado, o trabalhador passa a sofrer críticas dos familiares, amigos, vizinhos e da própria sociedade, podendo ser considerado preguiçoso ou sem credibilidade. Não bastassem os impactos subjetivos e sociais do endividamento, a literatura mostra que as preocupações com as dívidas geram nos trabalhadores rurais, além de dificuldades para dormir, sintomas de ansiedade e depressão mais elevados, em comparação com aqueles detentores de trabalho fixo (Lima, Rossini & Reimão, 2010).

O efeito provocado pela incerteza do pagamento, pelas dificuldades financeiras e pelo consequente endividamento, pode ser comparado aos achados de estudos nacionais e internacionais acerca das implicações psíquicas provocadas pelos cenários das secas prolongadas no meio rural. Estes estudos têm evidenciado que a falta de controle do trabalhador rural acerca dos resultados do trabalho realizado, pode gerar impactos psicológicos, como por exemplo, o sentimento de tristeza, desânimo, insegurança com relação ao futuro e dificuldades de sono, trazendo danos à saúde mental e tornando-se um fator de risco para o sofrimento, adoecimento e suicídio (Eberhardt & Pooyan, 1990; Deary, Willcock & McGregor, 1997; Logan & Ranzijn, 2008; Sartore, Kelly, Stain, Albrecht & Higginbotham, 2008; Ünal-Karagüven, 2009; Favero & Sarriera, 2009).

Para alguns suinocultores este cenário de sofrimento estava ainda mais intenso por estarem sem a permissão ambiental para a criação dos suínos. No momento da realização dos grupos focais três famílias participantes estavam impedidas de receber os suínos e de realizarem o trabalho na suinocultura por falta de licença ambiental. De acordo com os participantes existe apenas um profissional habilitado para realizar a avaliação ambiental em toda região, e a lista de espera é bastante grande. Algumas falas refletem o efeito deste atraso: *“Dae tu calcula, se tu faz esse financiamento e os porco vão mal, imagina, quantos anos tu tem que trabalhar pra pagar isso que tu gastou? E nós agora ainda parado, sem licença ambiental pra tá produzindo [...] Então a gente tá mal [...] Tudo parado... Nós investimo nos chiquero, fizêmo financiamento e tudo, e agora tá tudo parado, não sabêmo mais o que fazê.”* (André). Apesar de os suinocultores pertencerem formalmente a uma cooperativa de trabalho, eles afirmam não haver nenhuma interferência ou orientação sobre como conduzir a situação.

Além disso, tanto os trabalhadores proprietários das pocilgas, quanto os terceiros, relataram sentimentos de desespero diante da morte dos suínos, visto que cada perda reflete diretamente nos resultados financeiros. Este sofrimento parece se agravar quando as mortes ocorrem alguns dias antes da entrega dos suínos, conforme o relato de Sônia: *“Tem vez que dá um estressamento, um desespero mesmo [...] Porque a pessoa tá cuidando ali, todo dia, daí dá uma doença os porco adoecem, morrem... Quando tão já quase pronto. Que nem já aconteceu... [...] Daí dá um estresse. Tava tudo certo pra dá um lote bão, e daí eles começam morré, um, dois por dia. A gente cuida, trabalha e só perde”* (Sônia). A falta de apoio e suporte técnico por parte da Cooperativa 1, intensiva o sofrimento: *“[...] eu falei com o técnico na segunda e ele veio só na quinta, daí já tinha morrido um monte [...] Depois que os porco já tinham morrido veio o técnico com um remédio pra água, mas daí já era tarde”* (Paulo); *“Lá em casa deu diaréia nos porco no final de semana, eu tentei ligar pros técnicos,*

tentei e ninguém atendia nada...foi um desespero, nós via eles morrendo e não tinha o que fazê” (João).

Os relatos apresentados apontam para uma enorme vulnerabilidade dos suinocultores, desprovidos de apoio, totalmente submissos às políticas de mercado e ao modelo de gestão praticado pela Cooperativa 1. A situação de trabalho extremamente precária só não é pior porque os trabalhadores fazem uso da terra para cultivar produtos que subsidiam a alimentação familiar, caso contrário, teriam de enfrentar, inclusive, a fome. Deste modo, entende-se que se, a informalidade não pode ser considerada sinônimo de precarização, ela expressa, certamente, um modelo de trabalho desprovido de direitos, contribuindo para o cenário de precarização do trabalho, além de ampliar “as formas geradoras de valor, ainda que sob a aparência do não valor” (Antunes, 2011, p.407).

Diante do perverso modelo de remuneração, da exploração, da falta de apoio social e da consequente ausência de um coletivo de trabalho, o sofrimento silenciado e sem espaço para transformar a organização do trabalho, produz efeitos negativos na saúde mental dos trabalhadores investigados, gerando insegurança com relação ao futuro, tristeza, desânimo, sentimento de impotência, desesperança e solidão. Neste sentido, se o foco da clínica do trabalho são os destinos do sofrimento (Périlleux, 2013) e se estes destinos indicarão se ele atuará como mediador da saúde ou do adoecimento (Dejours, 2004; 2008), as vivências de trabalho dos suinocultores frente ao modelo de trabalho cooperado apontam para um cenário marcado muito mais pelo sofrimento patogênico e submissão, do que pela saúde e emancipação dos trabalhadores.

3.2.3 Relação de trabalho: onde cooperados se sentem peões

Na perspectiva dos suinocultores, a relação de trabalho que possuem com a cooperativa faz com que se sintam peões, como expressado por Marcelo: *“Ali dentro da cooperativa nós somos pião. Tem que fazer como eles mandam. Na verdade a gente é empregado deles, tem que fazer como eles mandem, não tem jeito. Mesmo que a gente não concorde”* (Marcelo). O significado de serem peões remete a uma conotação de humilhação e de falta de valor, atrelados, especialmente, à ausência de espaços de fala, de escuta e de participação nas decisões relacionadas ao trabalho. Estudos anteriores da psicodinâmica do trabalho mostram que os espaços de discussões existentes na organização do trabalho possuem um papel fundamental na ressignificação do sofrimento em busca do prazer, na construção da mobilização coletiva e na promoção da saúde mental do trabalhador (Bottega &

Merlo, 2010; Carvalho & Moraes, 2011; Mendes & Facas, 2011). Quando, ao contrário, o sofrimento não pode ser expresso e compartilhado, a impotência assume o lugar da politização (Périlleux, 2013).

O principal canal de comunicação que os suinocultores possuem para expor as críticas ou sugestões inerentes ao trabalho é através do técnico que acompanha as atividades realizadas junto aos suínos, no entanto, algumas falas demonstram que este canal é frágil e que não possui potencial para dar voz aos trabalhadores: *“Eu falei com o técnico, ah... mas eles sempre têm alguma explicação, alguma coisa pra dizer [...]”* (Lurdes); *“Sim, eles sempre têm saída”* (João); *“Eles sempre acham alguma coisa, já são bem preparado”* (Márcia); *“Uma vez, mas isso faz anos, eu falei meu lado pro técnico, e ele só defendia a empresa. Daí eu falei que ele também precisava puxá pro nosso lado, não só pro lado da empresa. Mas ele disse que precisava defendê o trabalho dele. O emprego dele. A favor da firma e contra o agricultor, que era obrigado a fazer o que eles mandavam”* (Ricardo).

Um segundo canal de comunicação com a cooperativa eram as assembleias, reuniões ou mesmo capacitações ocorridas. No entanto, os trabalhadores mencionaram que estes momentos deixaram de acontecer há mais de dois anos, e que mesmo quando ocorriam, não havia espaço para participação coletiva: *“Quando eles abriam espaço, eles deixavam perguntá só sobre o assunto que eles tavam falando, não dá pra nós fala o que quisemo”* (Luiz). Diante do questionamento sobre porque não se organizavam para expor esta problemática, o medo de serem prejudicados apareceu como principal impedimento: *“Depois eles perseguem a gente”* (João); *“Eles podem prejudicar, tocar pra cima”* (Ricardo).

Os relatos das vivências destes trabalhadores corroboram os dados de um estudo realizado por Oliveira (2007) com integrantes de uma cooperativa de mão de obra na área da saúde. A investigação mostrou que o trabalho cooperado neste meio era de *caráter tradicional*, no qual a cooperativa existia para permitir a contratação flexível de mão de obra com menor custo, sem incluir em seus objetivos a tentativa de mudar a forma de gestão ou de transferir o controle do negócio aos trabalhadores. Da mesma forma, as falas dos suinocultores acerca da relação de trabalho que possuem com a cooperativa contradizem os aspectos legais instituídos para o estabelecimento do cooperativismo. O cenário vivenciado aponta muito mais para uma relação de exploração da mão de obra do que para uma perspectiva de trabalho cooperado, descrito por Lima (2009) como um trabalho autônomo, coletivamente gerido e ideologicamente orientado para fora do mercado. Diante disso, cabe fazer uso das palavras de Oliveira (2007, p. 81) que ao discutir o modelo de trabalho cooperado, traz a perspectiva de que se as relações de trabalho existentes no cooperativismo

não diferem daquelas estabelecidas pelas empresas convencionais, “significa que a experiência do cooperativismo de mão de obra não representa transformação das relações de trabalho vigentes, mas o aprofundamento da precarização do trabalho”.

3.3 Estratégias defensivas frente aos fatores sofrimento

3.3.1 Submissão: “*Se pudé engoli engole, se não, toma uma água que desce*”

As estratégias defensivas, fundamentadas na negação, atuam de maneira ambivalente, protegendo o trabalhador do sofrimento, mas também impedindo que os fatores geradores de sofrimento sejam transformados (Dejours, 2004; 2008; Moraes, 2013). Neste estudo, os trabalhadores relataram que não costumam questionar as diretrizes e o funcionamento da cooperativa por medo de serem substituídos, perdendo assim a principal fonte de renda, conforme relatos: “*Eu acho que é assim mesmo, porque se você ficar brigando, quando vê eles fecham o chiqueiro da gente. Tem outros que querem*” (Luiz); “*É... mesmo a gente não concordando, tem que fazer como eles mandam. Mesmo que a gente acha que as coisas tão errada tem que fazer né...*” (Lucas). “*Não tem o que fazer*” (Laura). Frente às ameaças do desemprego os trabalhadores têm o medo reforçado, o que acaba contribuindo para o comportamento de submissão. O temor pessoal individualiza o sofrimento daqueles que estão na mesma condição e atua como desmobilizador do coletivo de trabalho (Dejours, 2001).

Diante do medo e da impossibilidade estabelecida, ora pelas ameaças da cooperativa, ora pela ausência de mobilização coletiva, os trabalhadores acabam buscando formas de adaptar suas necessidades, às necessidades da organização do trabalho: “*É. Tem coisa que a gente vai deixando, deixando e fica... se torna esquecido, a gente se acostuma*” (Ricardo); “*Muitas vezes nem damo bola*” (André); “[...] *No fundo a gente tava certo. Na verdade quando eles vão visitar e tem uma coisa errada eles não perdoam, então, se nós tava certo, nós também tinha o direito de reclamá. Mas daí a gente não foi atrás, deixamo por isso mesmo*” (Lucas). Através da adaptação surge a esperança de que a situação ou as dificuldades vivenciadas irão melhorar. Neste caso, a esperança apareceu mais como uma espera passiva de que algo mude sem que nada seja feito, do que propriamente, um motivador para a transformação dos fatores de sofrimento, conforme relato: “*Quando tu vai mal num lote, tu espera que o outro seja melhor né, mas daí vem o outro e vai mal de novo, daí tu torce pro outro e assim vai...*” (André). Nos momentos em que esta espera se torna insustentável,

surtem reações como o choro e o desejo de deixar a atividade: “*Eu choro, quero ir embora [...] Daí passa*” (Clara); “*Sempre passa de novo*” (Ana).

Induzidos a não contestação das condições às quais estão submetidos, estes trabalhadores acabam por alimentar a própria submissão. Percebe-se que, assim como em outras atividades rurais, a negação dos direitos e a subestimação do saber dos suinocultores estão relacionadas à desigualdade social a qual estão submetidos, à baixa renda, à falta de alternativas diferenciadas de emprego, à cultura de dominação, dentre outros fatores que contribuem para uma maior vulnerabilidade dos trabalhadores (Alexandre, 2009).

3.3.3 Individualismo

Apesar da organização do trabalho na suinocultura estar baseada no cooperativismo, os participantes relataram atitudes individualistas e competitivas na relação com seus pares. Estas atitudes podem ser observadas através do receio de que outros suinocultores descubram as técnicas utilizadas para obtenção de resultados financeiros satisfatórios e da falta de comunicação e cooperação entre os pares, conforme relatos: “*Eu não acho certo isso, porque eu tenho que ajudar o outro se o outro fez errado e eu fiz tudo certo? Eu penso assim. É o meu suor que tá lá...*” (Lucas); “[...] *a gente nem se conversa, moramo perto e não somo unido. Se a gente fosse unido, se a gente se juntasse poderia fazer a diferença. O problema é que aquele que ganha mais no lote não quer brigar por aqueles que ganham menos, dae a gente não se une*” (João).

O individualismo é utilizado pela organização do trabalho e atua contra os próprios trabalhadores, na medida em que impossibilita a mobilização coletiva, a troca de experiências e a comunicação. Desta forma, evidencia-se um aspecto já discutido por Dejours (2008) e Mendes (2007a), de que a organização do trabalho não explora o sofrimento em si, mas sim as estratégias defensivas utilizadas pelos trabalhadores para lidarem com o sofrimento, pois na medida em que estes suinocultores se submetem à organização do trabalho de maneira individualizada, são mais facilmente manipulados e direcionados a agir de acordo com os pressupostos da Cooperativa 1.

Sendo assim, entende-se que a fragilização do coletivo de trabalho e o individualismo intensificam a exploração, o sofrimento e a precarização. Caso esta estratégia de defesa fosse transformada, os próprios trabalhadores poderiam compartilhar melhores práticas de trabalho para alavancar o negócio dos seus pares e/ou se mobilizar para compartilhar as dificuldades, possibilitando a transformação dos fatores geradores de

sofrimento provenientes da organização do trabalho. No entanto, o que se destaca é o uso maciço de estratégias defensivas individuais, conduzindo os trabalhadores para o esgotamento de suas potencialidades e para a generalização do estado de solidão, desespero e tristeza.

3.4 Ensaios para a transformação da realidade vivenciada

Sabe-se que mesmo contextos de atuação profissional precarizados podem proporcionar prazer ao trabalhador, desde que haja espaço para a cooperação, para a fala, para a mobilização da inteligência e dos conhecimentos construídos pelo trabalhador em seu cotidiano de trabalho (Mendes, 2007b). Quando no segundo encontro os participantes foram instigados a pensar e a propor sugestões de melhorias para as suas condições de trabalho, houve sinalizações de diversas possibilidades de transformação da realidade vivenciada, pautadas em três esferas principais: possibilidades de mobilização coletiva, melhorias nas condições de trabalho e sugestões para práticas governamentais.

Com relação às ações coletivas, os trabalhadores consideraram enviar um documento para a Cooperativa 1 com sugestões e insatisfações relacionadas ao trabalho, organizar uma reunião e chamar os gestores da instituição para conversar, ou ainda, realizar uma greve reivindicando seus direitos. Quanto às melhorias nas condições de trabalho foi mencionada a necessidade de receberem uma previsão dos valores que serão pagos ao final do ciclo produtivo, maiores explicações sobre os controles de qualidade e fiscalizações, além de estabelecer combinações com relação à entrega de insumos e logística para o recebimento de suínos. As sugestões atreladas às práticas governamentais relacionaram-se à implantação de mecanismos para o tratamento dos dejetos dos suínos, através da instalação de biodigestores, e à criação de políticas governamentais que pudessem facilitar os financiamentos bancários.

Analisando as sugestões realizadas foi possível perceber que se houvesse espaço público de fala, possivelmente estas ideias ganhariam força para buscar transformar alguns aspectos desta realidade de intensa precarização, submissão e exploração dos trabalhadores. Os participantes da pesquisa deram-se conta que muitas ações poderiam partir da própria organização e mobilização coletiva, no entanto, diante da falta de apoio e da relação submissa que possuem com a cooperativa, ainda não conseguem colocá-las em prática, até porque ações emancipatórias neste contexto poderiam significar a perda da principal atividade profissional e fonte de renda que possuem.

Com isso, também foi possível considerar que a transformação da realidade de trabalho requer minimamente algo anterior à organização coletiva dos trabalhadores: que o

papel do Estado seja exercido e que, portanto, os direitos humanos sejam preservados. Afinal, não se pode esperar que ações emancipatórias sejam efetivadas por trabalhadores que possuem condições de trabalho muito próximas ao do trabalho escravo, desprovidos de educação, renda, acesso a informação e aos órgãos de proteção social.

Apesar de terem sido levantadas possibilidades de transformação da realidade capazes de aumentar os espaços de mobilização individual e coletiva, na busca pelo prazer e realização no trabalho, quando os participantes foram questionados acerca das vivências de prazer frente ao modelo de trabalho cooperado, não houve sinalizações. As fontes de prazer para estes trabalhadores estavam pautadas no fazer cotidiano do trabalho, na manutenção da tradição familiar em atuar com a suinocultura e na renda obtida com o trabalho, apesar de baixa e incerta. Este dado intensifica ainda mais os questionamentos acerca do modelo de trabalho cooperado vivenciado pelos suinocultores, afinal, se não há prazer, e conseqüentemente, se não há o desejo de pertencer à Cooperativa 1, o que mantém os trabalhadores vinculados à ela? Talvez esta pergunta possa ser respondida através da compreensão das estratégias defensivas, pautadas em palavras como: submissão, medo e individualismo.

Finalmente, entende-se que um caminho possível para transformar a realidade vivenciada seria tornar claro e conhecido para os próprios trabalhadores os fatores de sofrimento e as precárias condições de trabalho às quais estão submetidos. Através da percepção e ressignificação da realidade poderiam também se sensibilizar com o sofrimento de seus pares, diminuindo o individualismo e buscando alternativas conjuntas para o fortalecimento de suas identidades e cidadania.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar as vivências de prazer e sofrimento de suinocultores frente ao modelo de trabalho cooperado na suinocultura, problematizando o papel do cooperativismo na precarização ou na emancipação dos trabalhadores. Os resultados enfatizaram as vivências de sofrimento dos participantes, atreladas principalmente, aos aspectos da organização do trabalho cooperado, caracterizada pelo crescimento da cooperativa através da exploração dos trabalhadores, pela falta de autonomia e de participação dos cooperados, pela rigidez dos processos de trabalho, pela falta de espaços de fala e escuta, e principalmente, pelo precário modelo de remuneração praticado. Diante do sofrimento os trabalhadores fazem uso de estratégias defensivas pautadas na submissão e no

individualismo, reforçadas pelo medo e ameaças praticadas pela cooperativa. Situação que culmina nos sentimentos de solidão, desesperança e insegurança frente ao futuro, dificultando a cooperação e a mobilização coletiva diante dos fatores geradores de sofrimento. Nesta dinâmica, os participantes não sinalizaram vivências de prazer frente ao modelo de trabalho cooperado, mas conseguiram pensar ao longo dos grupos focais, em possíveis iniciativas na busca por melhorias das condições de trabalho.

As análises realizadas identificaram elementos suficientes para concluir que o trabalho cooperado para os suinocultores investigados tem atuado muito mais na intensificação da precarização, do que, de fato, na emancipação dos trabalhadores. Além disso, foi possível identificar impactos deste modelo na saúde mental do suinocultor, como por exemplo, os sentimentos de solidão, insegurança, tristeza e desespero, presentes em diversos relatos dos participantes. Estes efeitos se mostraram atrelados à incerteza do pagamento, aos mecanismos de submissão à organização do trabalho que impedem a mobilização coletiva e intensificam a experiência de sofrimento, além da baixa participação dos suinocultores nos modos de fazer do trabalho, reduzindo os espaços de prazer e de realização no trabalho.

Nesse sentido, percebeu-se que muitas das questões abordadas neste estudo transcendem a experiência do suinocultor e falam também do cenário do trabalhador rural. Os achados desta pesquisa corroboram outros estudos realizados com agricultores que evidenciaram a precariedade da organização do trabalho rural, a questão do sofrimento frente ao endividamento, a sobrecarga de trabalho e a falta de acesso aos órgãos de proteção social. Neste meio, o cooperativismo que poderia representar uma possibilidade de emancipação aos trabalhadores, acaba atuando como precarizador e como ferramenta de exploração do suinocultor.

Como limitações do estudo podem ser citadas o número de encontros reduzidos dos grupos, apesar de ter sido respeitada a disponibilidade dos trabalhadores e a participação de familiares no mesmo grupo focal, o que pode ter restringido algumas colocações. Caso os encontros fossem estendidos, possivelmente os efeitos positivos da pesquisa aos suinocultores seriam ampliados, em função do espaço público de fala e escuta. Quanto às sugestões para futuros estudos, foi identificada a necessidade de levantamentos acerca do estado de saúde mental dos trabalhadores rurais, pois são raros os estudos com este objetivo, e os existentes, encontram-se desatualizados. Sugere-se também, que sejam ampliadas as investigações sobre as configurações do trabalho rural, especialmente, acerca dos modelos de cooperativismo e

seus efeitos na saúde do trabalhador, possibilitando atribuir maior visibilidade a este cenário, e quem sabe, contribuir para a melhoria das condições de vida e trabalho desta população.

REFERÊNCIAS

- Alexandre, S. F. (2009). *Estudo dos agravos à saúde dos trabalhadores expostos a agrotóxicos no agronegócio do abacaxi em Limoeiro do Norte – Ceará*. Dissertação de Mestrado, não publicada, Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Saúde Pública, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Angrosino, M. (2009). *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed.
- Antunes, R. (2011). Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? *Serviço Social & Sociedade*, 107, 405-419. doi 10.1590/S0101-66282011000300002
- Arfknecht, K. S., Merlo, A. R. C., & Nardi, H. C. (2006). Saúde mental e economia solidária: análise das relações de trabalho em uma cooperativa de confecção de Porto Alegre. *Psicologia e Sociedade*, 18 (2), 54-61. doi 10.1590/S0102-71822006000200008
- Associação Catarinense de Criadores de Suínos (2008). *Histórico da suinocultura*. Recuperado em 14 de maio de 2012. Obtido em http://www.accs.org.br/dados_ver.php?id=2
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. (L. Reto, & A. Pinheiro, Trad.) São Paulo: Edições 70/Livraria Martins Fontes.
- Biernacki, P.; Waldorf, D. (1981). Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods & Research*, Thousand Oaks, CA, v. 10, n. 2.
- Bottega, C. G., & Merlo, Á. R. C.. (2010). Prazer e sofrimento no trabalho dos educadores sociais com adolescentes em situação de rua. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 13(2), 259-275. Obtido em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v13n2/v13n2a08.pdf>
- Brasil. (1996). Ministério da Saúde/CNS. *Resolução n° 196/96*. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado em 20 de junho de 2012. Obtido em http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm
- Brasil. (2012). Ministério da Agricultura. *Suínos*. Recuperado em 20 de maio 2012. Obtido em <http://www.agricultura.gov.br/animal/especies/suinos> (ver letras)
- Carelli, R. L. (2002). *Cooperativas de mão de obra: Manual contra a fraude*. São Paulo, SP: LTR.

- Carvalho, G. M., & Moraes, R. D. (2011). Sobrecarga de Trabalho e adoecimento no Pólo Industrial de Manaus. *Psicologia em Revista*, 17 (3), 465-482. doi 10.5752/P.1678-9563.2011
- Central de Inteligência de Aves e Suínos [CIAS] (2012). *Distribuição espacial da produção de suínos no Brasil*. Recuperado em 18 de março de 2013. Obtido em http://www.cnpsa.embrapa.br/cias/index.php?option=com_content&view=article&id=59
- Cole, D. J., Hill, V. R., Humenik, F. J., & Sobsey, M. D. (1999). Health, safety, and environmental concerns of farm animal waste [Resumo]. *Occup Med*, 14(2), 423-48. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10329913>
- Conselho Federal de Psicologia [CFP]. (2000). *Resolução para pesquisa com seres humanos*. Resolução 016/2000, Brasília: CFP. Recuperado em 23 de agosto de 2012. Obtido em http://pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao2000_3.pdf
- Deary, I. J., Willcock, J., & McGregor, M. (1997). Stress in farming. *Stress Medicine*, 13, 131-136. doi 10.1002/1099-1700
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho* (5ª edição). São Paulo: Cortez – Oboré.
- Dejours, C. (2001). *A banalização da injustiça social* (4ª edição). Rio de Janeiro: FGV.
- Dejours, C. (2004). *Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Dejours, C. (2008). *A avaliação do trabalho submetida à prova do real*. São Paulo: Blucher.
- Dejours, C., & Bègue, F. (2010). *Suicídio e trabalho: o que fazer?* Brasília: Paralelo 15.
- Dejours, C., & Abdoucheli, E. (2011). Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In Dejours, C., Abdoucheli, E., & Jayet, C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho* (p. 119-145). São Paulo: Atlas.
- Donham, K. J. (2010). Community and occupational health concerns in pork production: a review [Resumo]. *Anim Sci*, 88(13), 02-11. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20154166>
- Eberhardt, B. J., & Pooyan, A. (1990). Development of the farm stress survey: factorial structure, reliability, and validity. *Educational and Psychological Measurement*, 50, 393-402. Obtido em <http://psycnet.apa.org/psycinfo/1990-27216-001>
- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária [EMBRAPA]. (2012). *Agência de informação Embrapa: suínos*. Brasília: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Recuperado em 29 de setembro de 2012. Obtido em http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/suinos/arvore/CONTAG01_6_1012200293742.html

- Espírito Santo, J. , Silva, J. S., Velloso, T. R., & Mendonça Sobrinho, E. J. (2006). Cooperjovens: uma experiência juvenil de cooperativismo solidário na região sisaleira da Bahia. *Imaginário*, 12(12), 195-204. Obtido em http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=ADOLEC&lang=p&n_extAction=lnk&exprSearch=444402&indexSearch=ID
- Favero, E., & Sarriera, J. C. (2009). Extensão rural e intervenção: velhas questões e novos desafios para os profissionais. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12 (1), 1-16. Obtido em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172009000100002&lng=pt&nrm=iso
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa* / Uwe Flick; tradução Sandra Netz. (2 ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Franco, T., Druck, G., Seligmann-Silva, E. (2010). As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35 (122): 229-248. doi 10.1590/S0303-76572010000200006
- Geng, Q., Torén, A., & Salomon, E. (2009). Screening the working environment in outdoor pig systems [Resumo]. *Journal of Agricultural Safety and Health*, 15(3): 283-97. Obtido em <https://elibrary.asabe.org/abstract.asp?aid=27409&t=2&redir=&redirType=>
- Gudmundsson, G., & Tómasson, K. (2009). General health in Icelandic farmers [Resumo]. *Laeknabladid*, 95(10), 9-655. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19858544>
- Heloani, R., & Lancman, S. (2004). Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. *Produção*, 14 (3), 077-086. doi 10.1590/S0103-65132004000300009
- Ianbukhtina, G.A., Masiagutova, L. M., & Gainullina, M. K. (2011). Social and hygienic factors for health state in female poultry workers [Resumo]. *Med Tr Prom Ekol*, 1, 29-34. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21442943>
- Kalleberg, A. L. (2009). O crescimento do trabalho precário: um desafio global. *Revista Brasileira de Ciência Sociais*, 24 (69), 01-30. doi 10.1590/S0102-69092009000100002
- Kiryuchuk, S., Senthilselvan, A., Dosman, J. A., Zhou, C., Barber, E. M., Rhodes, C. S., & Langley, R. (1999). Physical hazards of animal handlers [Resumo]. *Occup Med*, 14(2), 181-94. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10329900>
- Lei Nº 5.764 .(1971). *Política Nacional de Cooperativismo*. Recuperado em 20 de julho de 2013. Obtido em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15764.htm

- Lei Nº 12.690. (2012). *Programa Nacional de Fomento às Cooperativas de Trabalho*. Recuperado em 20 de julho de 2013. Obtido em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12690.htm
- Lima, J. C. (2004). O trabalho autogestionário em cooperativas de produção: o paradigma revisitado. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 19(56), 45-62. Obtido em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n56/a04v1956.pdf>
- Lima, J. C. (2009). Paradoxos do trabalho associado. *Tempo Social*, 21 (1), 113-132. Obtido em <http://www.scielo.br/pdf/ts/v21n1/v21n1a07.pdf>
- Lima, J., Rossini, S., & Reimao, R. (2010). Sleep disorders and quality of life of harvesters rural labourers. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 68(3):372-6. Obtido em <http://cirrie.buffalo.edu/database/138495/>
- Logan, C., & Ranzijn, R. (2008). The bush is drying: a qualitative study of South Australian farm women living in the midst of prolonged drought. *Journal of Rural Community Psychology*, 12(2). Obtido em <http://www.marshall.edu/jrcp/VE12%20N2/jrcp%2012%202%20Logan%20and%20Ranzijn.pdf>
- Martinez, I. B., Lins, M. L., Pires, S. (2002). Cooperativas e revitalização dos espaços rurais: uma perspectiva empresarial e associativa. *Cadernos de Ciências e Tecnologia*, 19 (1), 99-118. Obtido em <http://webnotes.sct.embrapa.br/pdf/cct/v19/cc19n104.pdf>
- Martinez, R., Gratton, T. B., Coggin, C., René, A., & Waller, W. J. (2004). A study of pesticide safety and health perceptions among pesticide applicators in Tarrant County, Texas. *Environ Health*, 66(6), 34-7. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14768280>
- Mendes, A. M. (2007a). Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In Mendes, A. M. (org). *Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas* (pp. 29-48). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mendes, A. M. (2007b). Novas formas de organização do trabalho, ação dos trabalhadores e patologias sociais. In Mendes, A. M. (Org). *Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas* (pp. 49-87). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mendes, A. M. B., & Facas, E. P. (2011). Subjetividade e trabalho com automação. In Moraes, R. M. & Vasconcelos, A. C. L. (Org.). *Subjetivação e trabalho com automação: estudo no polo industrial de Manaus*. Amazonas: Edua.
- Miranda, R. F., & Garcia, A. (2010). As mulheres da Ilha das Caieiras: relacionamento interpessoal e cooperação na formação e no funcionamento de uma cooperativa. *Cadernos de*

- Psicologia Social do Trabalho*, 13(2), 301-317. Obtido em <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25732>
- Mitloehner, F. M., & Calvo, M. S. (2008). Worker health and safety in concentrated animal feeding operations [Resumo]. *J Agric Saf Health*, 14(2), 163-87. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18524283>
- Moraes, R. D. (2013). Estratégias de enfrentamento do sofrimento e conquista do prazer no trabalho. In Merlo, A. R. C., Mendes, A. M. & Moraes, R. D. *O sujeito no trabalho: entre a saúde e a patologia* (pp. 73-92). Curitiba: Juruá.
- Morgan, D. (1997). *Focus group as qualitative research*. Qualitative Research Methods Series. London: Sage Publications.
- Oliveira, F. de. (2007). Os sentidos do cooperativismo de trabalho: as cooperativas de mão de obra à luz da vivência dos trabalhadores. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 75-83. Obtido em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19nspe/v19nspea11.pdf>
- Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura [FAO]. (2012). *Cooperativas agrícolas alimentam o mundo*. Recuperado em 15 de abril de 2013. Obtido em <https://www.fao.org.br/download/WFD2012.pdf>
- Périlleux, T. (2013). O trabalho e os destinos políticos do sofrimento (tradução Ricardo Avelar de Souza). In Merlo, A. R. C., Mendes, A. M. & Moraes, R. D. *O sujeito no trabalho: entre a saúde e a patologia* (pp. 73-92). Curitiba: Juruá.
- Pessoa, V. M., & Rogotto, R. M. (2012). Agronegócio: geração de desigualdades sociais, impactos no modo de vida e novas necessidades de saúde nos trabalhadores rurais. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 37 (125), 65-77. Obtido em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0303-76572012000100010&script=sci_arttext
- Receveur, T. (2005). Balancing animal well-being, cost, and employee health and safety in caging design and selection [Resumo]. *Contemp Top Lab Anim Sci*, 44(3), 68-71. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15957221>
- Rey, F. L. G. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Romero, S. M. (2000). A utilização da metodologia dos grupos focais na pesquisa em psicologia. In H. Scarparo (Ed.). *Psicologia e pesquisa: Perspectivas metodológicas*. Porto Alegre: Sulina.
- Sabroza, P. C., Leal, M. C., & Buss, P. M. (1992). A ética do desenvolvimento e a proteção às condições de saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 8(1), 88-95. Obtido em <http://www.scielo.br/pdf/csp/v8n1/v8n1a12.pdf>

- Safin, V. F., Masiagutova, L. M., Khusnarizanova, R. F., & Ianbukhtina, G. A. (2009). Evaluation of health state and immune reactivity in female workers of pig-breeding enterprise [Resumo]. *Med Tr Prom Ekol*, (11), 34-7. Obtido em [http://www.unboundmedicine.com/medline/ebm/record/20095412/full_citation/\[Evaluation_of_health_state_and_immune_reactivity_in_female_workers_of_pig_breeding_enterprise\]](http://www.unboundmedicine.com/medline/ebm/record/20095412/full_citation/[Evaluation_of_health_state_and_immune_reactivity_in_female_workers_of_pig_breeding_enterprise])
- Sartore, G. M., Kelly, B., Stain, H., Albrecht, G., & Higginbotham, N. (2008). Control, uncertainty, and expectations for the future: a qualitative study of the impact of drought on a rural Australian community. *Rural Remote Health*, 8(3), 950. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18702570>
- Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento [SEAB]. (2013). *Suinocultura, análise da conjuntura agropecuária*. Recuperado em 15 de abril de 2013. Obtido em http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/SuinoCultura_2012_2013.pdf
- Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo [SESCOOP]. (2011). *Panorama do cooperativismo brasileiro: ano 2011*. Recuperado em 30 de maio de 2013. Obtido em http://www.ocb.org.br/gerenciador/ba/arquivos/panorama_do_cooperativismo_brasileiro__2011.pdf
- Silva, A. R. (2007). *O significado do trabalho na terra do fumo: perspectivas dos agricultores frente ao sistema integrado de produção industrial em Santa Cruz do Sul/ RS*. Dissertação de Mestrado, não publicada, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul.
- Singer, P. (2004). *Cooperativas de trabalho*. Brasília, DF: TEM/Mímeo. Recuperado em 05 de maio de 2013. Obtido em http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/prog_cooperativatrabalho2.pdf
- Ünal-Karagüven, M. H. (2009). Psychological impact of an economic crisis: a conservation of resources approach. *International Journal of Stress Management*, 16(3), 177-194. doi 10.1037/a0016840
- Von Essen, S., & Donham, K. (1999). Illness and injury in animal confinement workers [Resumo]. *Occup Med*, 14(2), 337-50. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10329909>

SEÇÃO 2

SUINOCULTOR: VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO PRECARIZADO

RESUMO

Este estudo teve o objetivo de analisar as vivências de prazer e de sofrimento no trabalho de suinocultores, além de caracterizar a organização do trabalho neste meio e de compreender as estratégias defensivas utilizadas por estes trabalhadores frente ao sofrimento. O estudo teve um delineamento qualitativo e contou com a participação de 16 suinocultores, com idade entre 19 e 67 anos (*M*: 45,8; *DP*: 13). A coleta de dados foi realizada através de dois grupos focais e de observações do trabalho na suinocultura. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo e descreveram categorias mistas. O prazer no trabalho dos suinocultores está relacionado à manutenção da tradição da família em trabalhar com suínos, ao retorno financeiro atrelado à subsistência familiar e ao cuidado dos animais. Em contrapartida, e com maior destaque, nas vivências de sofrimento destacaram-se a sobrecarga de trabalho e o desgaste consequente. O sofrimento é ainda, intensificado pela falta de reconhecimento no trabalho e pelo preconceito social relacionado à suinocultura. Para lidar com estas vivências, os trabalhadores fazem uso de estratégias defensivas pautadas na negação da dor e na racionalização, agravando os sintomas de adoecimento relacionados ao trabalho. Tendo em vista estes resultados, considera-se que os suinocultores investigados vivenciam condições de trabalho precárias que culminam na sobrecarga. Como consequência, foram identificados danos à saúde física e mental dos trabalhadores, através da intensificação das lesões e acidentes de trabalho, das dores crônicas, do isolamento social, da ansiedade e do estresse.

Palavras-chave: psicodinâmica do trabalho; saúde do trabalhador; precarização; trabalhador rural; suinocultor.

PIG FARMER: EXPERIENCES OF PLEASURE AND SUFFERING IN PRECARIOUS WORK

ABSTRACT

This study aimed to analyze the experiences of pleasure and suffering of pig farmers and to characterize the organization of work in this field and to understand the defensive strategies used by these workers in dealing with their suffering. The study had a qualitative research design that was done with 16 pig farmers between the ages of 19 and 67 years old (M: 45,8; DP: 13). The collection of data came from two focus groups as well as observations of the work with pigs. The data obtained was subjected to content analysis and described mixed categories. The pleasure of working in pig farming is related to maintaining the family tradition of working with pigs, financial return tied to the family subsistence, and care of the animals. In contrast and most notably what stood out regarding the suffering experiences was the overload of work, which resulted in complete fatigue. The suffering is also intensified by the lack of recognition of their work and the social prejudice related to pig farming. To deal with these experiences the workers make use of defensive strategies guided by the denial of pain and rationalization, exacerbating the symptoms of work-related illnesses. In accordance with the results obtained, we conclude that the pig farmers observed by us live in precarious work conditions that culminate in overburden for them. Consequently was concluded that their lifestyle is damaging their physical and mental health, such as frequent injuries and accidents, chronic pain, social isolation, anxiety and stress.

Keywords: psychodynamics of work; worker's health; precarious; rural workers; pig farmer.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho no meio rural tem sido apontado pela literatura como uma atividade ocupacional estressante e perigosa, associada a elevados níveis de ansiedade, depressão, suicídio e alcoolismo (Faria, Facchini, Fassa & Tomasi, 1999; Alpass et al., 2004; Kilkkinen et al., 2007; Hosain, Chatterjee, Ara & Islam, 2007; Logan & Ranzijn, 2008; Grzywacz et al., 2010; Berry et al., 2011; Reed et al., 2012; Siqueira et al., 2012). Apesar disso, o trabalhador rural é um grupo ainda pouco investigado, tanto no âmbito nacional quanto internacional, e possui aspectos bastante peculiares se comparado com trabalhadores de outras áreas (Fraser et al., 2002; Schlindwein, 2010).

As características do trabalhador e do trabalho rural vêm sendo modificadas com o passar do tempo. A modernização e a inserção empresarial no campo atenuaram as diferenças entre a organização do trabalho rural e do trabalho urbano, caracterizando a agricultura brasileira pelo aumento da produtividade, intensa concentração fundiária, incorporação de novas tecnologias e crescimento das exportações e do agronegócio. Estes aspectos, atrelados às intensas transformações ocorridas no trabalho rural, têm sido considerados uma fonte indiscutível de desgaste e adoecimento do trabalhador (Scopinho, 2003; Silva et al., 2005). Além disso, a falta de acesso aos meios de proteção social e a dificuldade que os órgãos de saúde pública possuem em registrar os dados de acidentes e doenças no trabalho, associados ao risco de contratação de mão de obra escrava, às relações de trabalho à margem da legislação e ao trabalho infantil, colocam o trabalhador rural em um lugar de vulnerabilidade social, gerando um cenário desfavorável para sua saúde e contribuindo para a precarização do trabalho (Brasil, 2004; Silva, 2007; Schlindwein, 2010).

No contexto do trabalho rural, uma atividade considerada de alto risco para a saúde do trabalhador é a pecuária. Estudos internacionais apontam para riscos relacionados às lesões causadas pelos animais; à exposição dos trabalhadores à emissão de gases, ruídos, radiações, e excrementos de animais; aos fatores de sobrecarga da organização do trabalho, em que os profissionais além de cuidarem dos animais se ocupam de atividades domésticas e do cultivo da agricultura própria; e à elevada carga ergonômica gerada pelos movimentos de alimentação manual dos animais (Cole, Hill & Humenik, 1999; Langley, 1999; Mitloehner & Calvo, 2008; Geng, Torén & Salomon, 2009; Ianbukhtina, Masiagutova & Gainullina, 2011).

Atualmente, o Brasil ocupa o quarto lugar no ranking de produção e exportação mundial de carne suína, sendo os estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul os maiores produtores nacionais. Além disso, a produção de suínos no país está posicionada

entre as mais dinâmicas, envolvendo diferentes segmentos, tecnologias e atores ao longo da cadeia produtiva (Brasil, 2012). A maior parte da produção nacional é coordenada pela agroindústria que fornece insumos e assistência técnica através de cooperativas locais aos diferentes grupos de produtores que, por sua vez, são responsáveis pela produção dos suínos. Ao final do ciclo de produção, os suínos são transportados e abatidos pela agroindústria, que efetua o pagamento do trabalho realizado pelo suinocultor (Embrapa, 2012).

Apesar da importância econômica da suinocultura no Brasil e do crescimento constante desta atividade no meio rural, são raros os estudos acerca da saúde mental do suinocultor. Um levantamento realizado nas bases de dados LILACS, IBECS, MEDLINE, Biblioteca Cochrane e SciELO com os descritores “pecuária e saúde do trabalhador” entre os anos 1998 e 2011, identificou 30 documentos nacionais e internacionais. Entre eles, um se tratava da Norma Regulamentadora de Segurança e Saúde no Trabalho na Agricultura, Pecuária, Silvicultura, Exploração Florestal e Aquicultura (Brasil, 2005), 12 tratavam de temas relativos à saúde do trabalhador e os outros 17 referiam-se a investigações veterinárias. A partir da análise dos objetivos dos 12 estudos acerca da saúde do trabalhador foi possível identificar que eles estavam relacionados: ao levantamento de riscos sociais e físicos associados ao cuidado de animais confinados, como aves, suínos e gado; à interferência dos métodos de criação de suínos na saúde física do trabalhador; ao nível de reatividade imunológica e alterações longitudinais na função pulmonar de suinocultores; à comparação entre o estado de saúde de trabalhadores rurais dedicados à pecuária e trabalhadores não rurais; e ao uso de pesticidas e percepções de saúde em aplicadores de pesticidas (Kirychuk et al., 1998; Cole et al., 1999; Von Essen & Donham, 1999; Langley, 1999; Martinez, Gratton, Coggin, René & Waller, 2004; Receveur, 2005; Mitloehner & Calvo, 2008; Safin, Masiagutova, Khusnarizanova & Ianbukhtina, 2009; Geng et al., 2009; Gudmundsson & Tómasson, 2009; Donham, 2010; Ianbukhtina et al., 2011). Esta análise demonstra uma forte tendência de investigações, tanto nacionais quanto internacionais, acerca dos riscos associados às doenças físicas do suinocultor, apontando para uma escassez de estudos que privilegiem a saúde mental deste grupo de trabalhadores.

Uma abordagem clínica possível para aprofundar o entendimento das relações existentes entre trabalho e saúde/doença mental é a Psicodinâmica do Trabalho. Partindo do pressuposto de que o trabalho é mediador tanto dos processos de saúde quanto dos processos de adoecimento, a Psicodinâmica do Trabalho entende que a saúde mental no trabalho não está associada à ausência de sofrimento, mas sim, às possibilidades de busca pelo prazer e transformação dos fatores geradores de sofrimento e adoecimento, tornando o trabalho mais

digno e gratificante (Mendes, 2007a). Neste sentido, a dinâmica existente na relação do homem com o trabalho parte de um conflito básico estabelecido entre a singularidade de cada trabalhador e a organização do trabalho, que poderá gerar vivências de prazer e/ou de sofrimento, mobilizando cada trabalhador de uma maneira diferente (Dejours, 2008b).

A organização do trabalho, principal elemento para o entendimento da dinâmica prazer/sofrimento, é composta pela divisão do trabalho, onde estão os aspectos relacionados à organização das tarefas, aos processos prescritos, ao modo de produção, aos processos de qualidade, às normas, entre outros; e pela divisão dos homens, onde estão as responsabilidades relacionadas ao trabalho, as relações de poder, as hierarquias, o comando, o grau de autonomia nas atividades, as possibilidades de cooperação e comunicação, entre outros. Mesmo diante de todas as esferas da organização do trabalho e das possibilidades de sofrimento mental, o trabalhador não é considerado passivo, mas capaz de mover forças e de se proteger através do desenvolvimento de estratégias defensivas (Dejours, 2004).

As estratégias defensivas, mecanismos empregados de maneira individual ou coletiva pelos trabalhadores para negar ou controlar o sofrimento vivenciado no trabalho, contribuem para a compreensão de como se manifesta o enfrentamento do profissional frente às dificuldades relacionadas ao trabalho (Dejours, Abdoucheli & Jayet, 1994). Se estas estratégias, por um lado, são capazes de transformar a percepção dos trabalhadores sobre a realidade geradora de sofrimento, e também, de colocá-los em uma posição ativa diante de suas vivências, por outro lado, contribuem para estabilizar a relação do homem com o trabalho, alimentando resistências às mudanças e às transformações da organização do trabalho (Dejours, 2004).

O sofrimento é considerado um espaço clínico intermediário, resultado de conflitos intersubjetivos e intra-subjetivos dos trabalhadores com a realidade de trabalho. Diante da realidade, o trabalhador buscará conservar um possível equilíbrio psíquico e poderá vivenciar o sofrimento de uma maneira patogênica ou criativa. O primeiro modo aparece, quando mesmo fazendo uso de defesas individuais e/ou coletivas o trabalhador não consegue abrir espaço para sua subjetividade no trabalho e acaba sentindo-se frustrado, impotente e com medo. Já o sofrimento criativo é gerado pelo processo de transformação da realidade de trabalho, no qual o trabalhador consegue desenvolver sua identidade pessoal e profissional (Dejours, 1992; 2008b).

O sofrimento criativo também está atrelado ao prazer, que por sua vez aparece quando o sujeito possui espaço para expor sua subjetividade nas atividades laborais, tornando-se sujeito da ação. O prazer está relacionado à possibilidade de o trabalhador

reconhecer a importância do trabalho para si e para os outros, percebendo-o como uma oportunidade de realização e constituição de identidade (Dejours, Abdoucheli & Jayet, 1994; Mendes, 2007b).

Apesar da Psicodinâmica do Trabalho já possuir tradição de pesquisas no Brasil, grande parte dos estudos são realizados com grupos de trabalhadores urbanos (Mendes & Silva, 2006; Silva & Merlo 2007; Silva & Holanda 2008; Almeida & Merlo 2008; Assis & Macedo 2008; Antloga & Mendes 2009; Scolari, Costa & Mazzilli 2009; Nunes & Lins 2009; Bottega & Merlo 2010) apontando para uma carência de estudos com trabalhadores rurais. Corroborando estes dados a declaração do Ministério da Saúde de que a falta de informações sobre a real situação de saúde dos trabalhadores dificulta a definição de prioridades para o desenvolvimento e planejamento de intervenções em saúde no Brasil (Brasil, 2004). Neste sentido, a carência de estudos acerca da saúde mental do trabalhador rural remete à falta de planejamento e intervenções nas condições de saúde e trabalho destes profissionais.

Diante disso, este estudo teve o objetivo principal de analisar as vivências de prazer e as vivências de sofrimento de suinocultores no trabalho, e como objetivos específicos caracterizar a organização do trabalho neste meio e compreender as estratégias defensivas utilizadas por estes trabalhadores frente ao sofrimento. Esta análise contribui na medida em que proporciona conhecer em profundidade este grupo ainda pouco investigado, dando visibilidade às suas vivências e cooperando com futuras ações de prevenção e promoção da saúde mental destes trabalhadores.

2. MÉTODO

2.1 Delineamento

Este estudo possui um delineamento qualitativo exploratório-descritivo. Exploratório na medida em que se propõe a buscar maior familiaridade com o tema pesquisado, e descritivo por descrever as características do grupo de trabalhadores investigado (Gil, 2010). A escolha desta abordagem relaciona-se aos pressupostos teóricos da Psicodinâmica do Trabalho e também ao fato de que os suinocultores ainda são trabalhadores pouco investigados, demandando aproximação e uma análise aprofundada sobre suas vivências de trabalho.

2.2 Contexto de Pesquisa e Participantes

Participaram deste estudo 16 suinocultores², com idade entre 19 e 67 anos (M: 45,8; DP: 13), oito eram do sexo masculino e oito eram do sexo feminino. Com relação à escolaridade, nove participantes não haviam completado o ensino fundamental, seis haviam completado e um participante possuía ensino médio completo. Entre os participantes havia sete casais, um pai e uma filha, um casal trabalhava como terceiro e todos os outros participantes eram proprietários das pocilgas. Todos declararam contar com o apoio dos familiares na realização das atividades na suinocultura, e no momento da pesquisa todos se declararam casados. Dois participantes não tinham filhos, os demais tinham de um a nove filhos. Quanto à renda familiar mensal, 11 participantes declararam receber entre um e dois salários mínimos e os outros cinco participantes, entre dois e três salários mínimos.

Os trabalhadores realizavam a etapa produtiva da suinocultura denominada *terminação*, na qual ocorre a engorda dos suínos para posterior abate. No momento da pesquisa, os suinocultores cuidavam de 330 à 1025 suínos (M: 540,6; DP: 211) e estavam associados a uma cooperativa regional. O tempo de atuação na suinocultura variou de dois anos e cinco meses a 45 anos (M: 17,8; DP: 17). Todos eram residentes de uma comunidade rural localizada no oeste de Santa Catarina, região que concentra 70% de todo rebanho do estado. Santa Catarina possui, aproximadamente, 12.000 suinocultores, sendo que a atividade emprega diretamente 65.000 pessoas e indiretamente, mais de 140.000 (Associação Catarinense de Criadores Suínos, 2008).

Este estudo teve como critério de inclusão suinocultores proprietários ou terceiros, que estivessem na atividade há pelo menos dois anos, que declarassem como atividade principal a suinocultura, maiores de 18 anos, independente do grau de escolaridade, sendo que poderiam realizar outras atividades rurais além da suinocultura e poderiam ser familiares. O critério de exclusão estabelecido foi de que proprietários e terceiros de uma mesma propriedade não poderiam participar do mesmo grupo focal, evitando possíveis constrangimentos nos relatos quanto aos aspectos relacionados ao trabalho. Para fins de análise e visando preservar a identidade dos participantes, os nomes dos suinocultores do primeiro grupo foram substituídos por Ana, Maria, Clara, Paulo, André, Lucas, Laura e João, e os nomes dos participantes do segundo grupo por substituídos por Lurdes, Márcia, Pedro, Marcelo, Luiz, Paula, Ricardo e Sônia. Do mesmo modo, a cooperativa na qual os trabalhadores estavam associados será chamada de Cooperativa 1.

² O número de participantes foi definido de acordo com Morgan (1997), que orienta que grupos focais sejam compostos por seis a dez participantes.

2.3 Instrumentos

2.3.1 Grupo focal

A coleta dos dados ocorreu através da técnica de grupo focal. Foram realizados dois grupos focais, e cada grupo contou com dois encontros. O grupo focal é definido como uma metodologia qualitativa, realizada através de um grupo de interação focalizada que possibilita discussões aprofundadas e consistentes sobre o tema em foco (Morgan, 1997; Romero, 2000). Para os autores, uma característica da técnica é a de valorizar as percepções, sentimentos e interpretações dos participantes. Utilizou-se, para condução dos grupos, um roteiro (Anexo A) adaptado a partir do modelo apresentado por Mendes (2007b), composto pelos temas: organização do trabalho, vivências de prazer no trabalho, vivências de sofrimento no trabalho, e estratégias defensivas frente ao sofrimento.

2.3.2 Questionário biosociodemográfico

Foi aplicado um questionário biosociodemográfico (Anexo B) construído exclusivamente para este estudo, com o objetivo de levantar dados para caracterização dos participantes e sua relação formal com o trabalho. O questionário foi composto por itens como: idade, sexo, escolaridade, características familiares, características formais da relação com o trabalho e com a profissão, bem como, dados sobre a possível ocorrência de lesões e acidentes decorrentes do trabalho. Foi realizado um estudo piloto com os instrumentos utilizados, através da aplicação do roteiro do grupo focal e do questionário biosociodemográfico em dois trabalhadores rurais selecionados por conveniência. Após a aplicação, foram realizados alguns ajustes necessários.

2.3.3 Observação

Com o objetivo de aproximar o pesquisador da realidade investigada, foi utilizada a técnica de *observador-como-participante*, na qual o pesquisador se identifica como tal e realiza observações livres durante breves períodos (Angrosino, 2009). Na pesquisa qualitativa, a técnica da observação significa examinar determinado evento, grupo de pessoas ou contexto com o objetivo de descrevê-lo. Sendo assim, não se trata de uma observação comum, mas de uma observação que objetiva descrever uma problemática previamente

definida (Flick, 2004). Foi utilizado diário de campo para o registro das observações realizadas.

2.4 Procedimentos Éticos e de Pesquisa

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unisinos, número 12/132 (Anexo E). Os procedimentos de pesquisa foram realizados em conformidade com a Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (2000), que regulamenta a pesquisa com seres humanos e também com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1996), que define as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

A seleção dos participantes se deu através da metodologia *snowball* ou “Bola de Neve” que, de acordo com Biernacki e Waldorf (1981), caracteriza-se pelo processo no qual os primeiros participantes identificados indicam outros, que por sua vez indicam outros, e assim sucessivamente. A seleção dos participantes, dentro de cada cadeia, respeitou os critérios de inclusão e de exclusão deste estudo e foi organizada através das seguintes etapas: a) aproximação do pesquisador com a comunidade e identificação de alguns suinocultores; b) coleta de indicações de possíveis participantes; c) visitas para realização do convite para participação do estudo.

Os grupos focais foram realizados na comunidade dos participantes e organizados em dois encontros com duração média de uma hora e quarenta e cinco minutos, sendo que cada grupo contou com a participação de oito trabalhadores. Os grupos focais foram filmados em vídeo e áudio e conduzidos por uma moderadora, que foi a pesquisadora responsável por este estudo e por uma co-moderadora, uma estudante da área da saúde, selecionada por conveniência. A co-moderadora recebeu uma capacitação de quatro horas, incluindo explicações sobre o estudo, sobre a técnica de grupos focais e também, instruções gerais para a condução dos encontros.

No primeiro encontro foi realizada a leitura e a coleta de assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C), bem como a entrega do questionário biosociodemográfico, preenchido pelos próprios participantes. Para a condução do primeiro encontro, foi utilizado um roteiro com tópicos elaborados a partir dos objetivos da pesquisa. No final do encontro foram agendadas as observações do trabalho dos suinocultores. No segundo encontro foi realizada a devolução e a validação das ideias principais discutidas no primeiro encontro. Após este procedimento, foi realizada uma atividade prática com o

objetivo de instigar os participantes a elaborarem, em conjunto, possibilidades de melhorias para suas condições de trabalho. O detalhamento completo da condução dos dois encontros pode ser apreciado no Anexo D.

Foram acompanhadas as atividades de todos os trabalhadores que possuíam suínos durante a coleta de dados, totalizando 15 horas de observação livre. A devolução dos resultados do estudo foi realizada para os participantes, e também para a Cooperativa 1, seis meses após a coleta de dados, sendo que a coleta ocorreu nos meses de janeiro e fevereiro de 2013.

2.5 Procedimentos de Análise dos Dados

O material proveniente dos grupos focais, obtido em áudio e vídeo foi transcrito na íntegra e analisado, de acordo com Bardin (1977), através das seguintes etapas: a) leitura do material; b) exploração e codificação das falas em unidades de análise; c) agrupamento das unidades em categorias analíticas; d) descrição das categorias e estabelecimento de relações entre elas; e) interpretação do material. A análise dos dados deu origem a quatro categorias definidas *a priori*: caracterização da organização do trabalho na suinocultura; vivências de prazer no trabalho; vivências de sofrimento no trabalho; e estratégias defensivas; e a uma categoria definida *a posteriori*: efeitos da pesquisa.

As informações coletadas através do questionário biosociodemográfico foram analisadas de maneira descritiva. Os registros realizados em diário de campo, provenientes das observações, foram utilizados para compor a categoria: caracterização da organização do trabalho na suinocultura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Caracterização da organização do trabalho na suinocultura

As observações realizadas no campo permitiram conhecer e descrever alguns aspectos da organização do trabalho na suinocultura, que se mostrou marcada pela gestão e diretrizes de qualidade e produtividade da Cooperativa 1, e também pelas características da agricultura familiar, atuando no modo pelo qual as atividades são organizadas no cotidiano de trabalho. O papel da Cooperativa 1 é o de intermediar a venda dos suínos para a agroindústria, atuando como um facilitador da relação dos suinocultores com uma grande empresa

processadora de alimentos, responsável pela compra e abate dos animais. Os trabalhadores caracterizaram a gestão da cooperativa pela rigidez nos controles de qualidade e constantes exigências pelo aumento de produtividade, pela exploração através do modelo de remuneração praticado, e também, pela ausência de espaços de fala e escuta (conforme discutido na Seção 1 desta dissertação).

Os suinocultores não possuem um vínculo trabalhista formal com a cooperativa, portanto, direitos e benefícios como férias, folgas, horas extras, proteção sindical, entre outros, não são praticados. O pagamento pelo trabalho realizado ocorre no final do ciclo produtivo (a cada quatro meses) e o resultado financeiro depende de indicadores de qualidade e de produtividade, tais como: conversão alimentar (quantidade de ração versus peso dos suínos), taxa de mortalidade e peso da carcaça do animal. O valor final recebido pelo produtor, considerando os descontos dos insumos fornecidos, pode variar de 8,00 a 24,00 reais por suíno, sendo que nesta fase cada animal pesa em média 120 kg. No caso dos trabalhadores terceiros, o pagamento também ocorre a cada quatro meses, no entanto, recebem um percentual do lucro total obtido.

O processo produtivo na suinocultura é organizado em três etapas produtivas: *Iniciação*, *Crechário* e *Terminação*. O grupo de *Iniciadores* é responsável por gerar novos suínos e por entregá-los após o desmame ao grupo de *Crechários*. No *Crechário* eles permanecem em desenvolvimento até atingir em média 23 kg, momento no qual são encaminhados ao grupo de *Terminadores*, suinocultores responsáveis pela engorda e entrega dos suínos para a agroindústria. Os participantes desta pesquisa eram todos *Terminadores* e realizavam atividades diferenciadas, de acordo com as fases do ciclo produtivo, conforme apresentado na Figura 3 (construída através dos registros realizados em diário de campo):

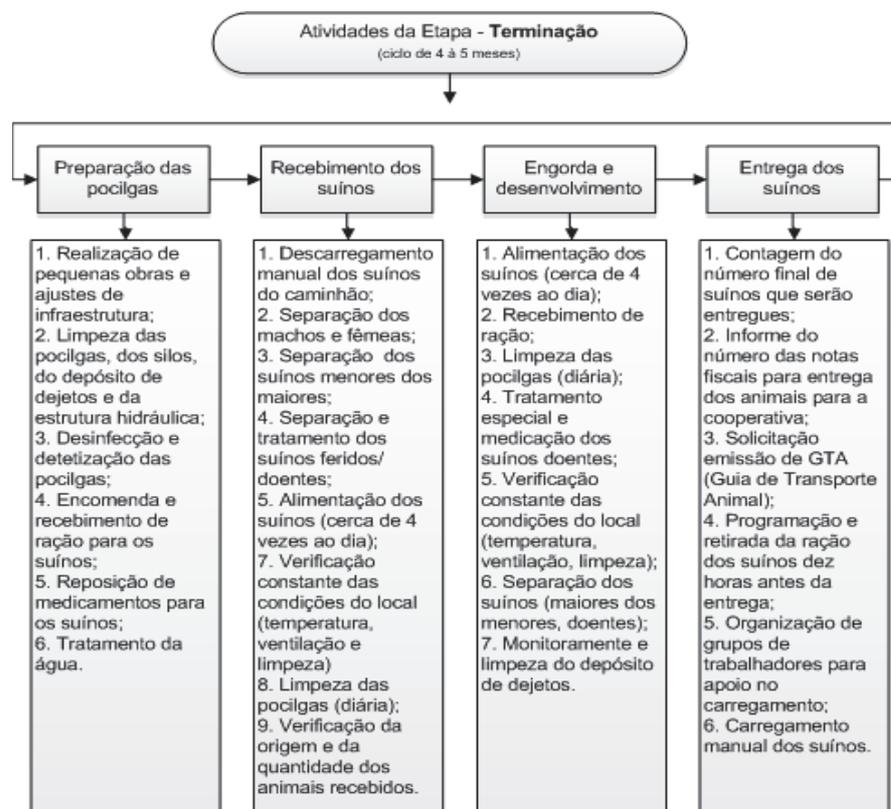


Figura 3

Descrição das atividades realizadas na suinocultura. Figura elaborada pela autora.

As observações destas atividades mostraram que os trabalhadores possuem contato direto com os suínos e com os dejetos dos animais e que, apesar disso, não utilizam equipamentos de proteção individual. Todos os participantes do estudo já haviam sofrido lesões em função desta exposição ou dos movimentos realizados para a alimentação dos suínos e limpeza das pocilgas. Apesar destes riscos e do grande esforço físico demandado, na maioria das residências, os filhos menores de idade auxiliam em todas as atividades.

Além disso, foi possível identificar que a rotina dos trabalhadores é marcada pela realização de diversas atividades rurais que complementam a renda familiar, tais como: cultivo de milho, fumo e feijão; cultivo de alimentos para subsistência familiar; e produção de leite. As atividades existentes são divididas entre todos os membros da família, e coordenadas principalmente pelos homens. A jornada de trabalho dos suinocultores pode variar de 10 a 14 horas ao dia, sem interrupção em finais de semana ou feriados e demanda, ainda, atenção 24 horas ao dia. Também existe o impacto do processo produtivo que dificulta a organização de períodos de descanso, pois quando não há suínos para cuidar, os esforços são direcionados

para a manutenção e higienização das pocilgas para o recebimento de um novo lote de animais. Estes aspectos da organização do trabalho e caracterização da atividade apontam para a suinocultura como uma atividade penosa, que demanda grande esforço físico, que potencializa a sobrecarga de trabalho e expõe os suinocultores a diversos riscos relacionados à saúde mental e física.

3.2 Vivências de prazer no trabalho

Quando os participantes foram convidados a falar sobre o que havia de bom no trabalho ou sobre o que trazia prazer nas atividades realizadas, o silêncio e as brincadeiras apareceram como a primeira resposta, como na fala de Luiz que diante da pergunta *“E o que tem de bom nesse trabalho?”* (moderadora do grupo), respondeu *“Tem esterco pra chera (risos)”* (Luiz). A dificuldade para identificar aspectos positivos no trabalho pode estar atrelada à dependência da atividade diante da falta de opção de emprego, da falta de escolaridade e do endividamento, conforme relatos: *“Que nem no meu caso, com cinquenta anos vai fazer o quê? Sem estudo, véio, tem que fica aqui. Por mais que seja pôco, é um jeito de sobreviver”* (Pedro); *“Porque tu têm a instalação ali. Tu não vai parar de fazer porque é difícil”* (Luiz); *“É quase uma dependência, tu depende daquilo lá pra sobreviver. Se tu gosta ou não gosta, tem que fazer igual”* (Lurdes).

Apesar disso, quando mais instigados pela moderadora, alguns participantes associaram o prazer no trabalho ao fato de estarem mantendo uma tradição da família ou por realizarem esta atividade desde a infância, como pode ser percebido nas falas: *“Eu gosto porque nós se criemo fazendo isso, desde pequeno”* (Lucas). O processo de desenvolvimento e convivência com os suínos também foi sinalizado como uma fonte de prazer, principalmente por conseguirem visualizar algum resultado do trabalho, seja no tratamento e “cura” dos animais, seja na relação diária com eles: *“Ah... isso é bom, a gente gosta. Medicá o animal e vê o resultado, a gente fica feliz [...] Olhar os bichinho crescer”* (Ricardo); *“Trabalhar com os bichinho”* (Paula). Outra fonte de prazer mencionada é o retorno financeiro obtido com a entrega dos animais, gerando a subsistência familiar: *“Eu gosto quando os porco sai, daí vem o dinheiro logo”* (Clara).

Ao longo dos relatos dos fatores geradores de prazer, também foi possível identificar alguns aspectos relacionados à inteligência prática dos suinocultores, categoria diretamente associada ao prazer e a realização no trabalho. Os conhecimentos desenvolvidos pelos trabalhadores estavam relacionados ao manejo e cuidado dos suínos, como por exemplo, na

identificação de sintomas e doenças, aplicação de medicações e percepção quanto às necessidades dos animais, como evidenciado nas falas: “*Que nem hoje era dez e meia eu passei, abri os tampão, olhei um, não levantou pra vim comer, daí eu pensei, esse não tá bem*” (Ricardo); “*Muitos tem enfalite, eu sei bem certinho os sintoma, eles fica deitado se virando de um lado pro outro, e daí certo que é*” (Marcelo); “*Eu aprendi fazer remédio caseiro e daí curava os porquinho*” (Luiz); “*Eles sabem os horário de tratar, eles conhecem, chega a hora de comer eles começam gritar*” (Sônia). Apesar de a inteligência prática contribuir substancialmente para a saúde mental no trabalho, na medida em que permite a expressão da subjetividade (Mendes & Morrone, 2010), os suinocultores possuem poucos espaços para expressá-la, e relatam, inclusive, punições por parte da cooperativa diante da utilização do próprio conhecimento em detrimento das prescrições estabelecidas.

O uso, mesmo que restrito, da inteligência prática pode representar uma possibilidade de o suinocultor colocar a sua marca no trabalho, em busca da realização e do prazer. No entanto, de acordo com Mendes (2007a) para que os recursos da inteligência prática e da cooperação sejam bem sucedidos e possam atuar na transformação dos fatores geradores de sofrimento, o coletivo de trabalho e a mobilização subjetiva dos trabalhadores precisam estar implicados neste processo.

3.3 Vivências de sofrimento no trabalho

3.3.1 Sobrecarga de trabalho

A organização do trabalho na suinocultura, marcada pela intensificação das atividades na busca por melhores resultados, pela rigidez e exploração praticada pelo cooperativismo, pelo trabalho informal e conseqüente ausência de vínculos trabalhistas, benefícios e proteção social, contribui para o estabelecimento da sobrecarga de trabalho. A patologia da sobrecarga é caracterizada pelo processo no qual o trabalhador assume uma carga de trabalho que está além de suas capacidades, com o intuito de atingir melhores resultados e de atender às demandas da organização do trabalho de alavancar metas de produtividade cada vez maiores (Dejours, 2007b).

Nas vivências dos participantes deste estudo, um importante potencializador da sobrecarga de trabalho é a saída dos filhos de casa ou as pequenas configurações familiares, que geram falta de mão de obra e também, ausência de sucessor para manter os negócios da família “*[...] Onde só têm duas ou três pessoas é ruim né, daí acaba se estressando*”

(Lurdes). Este aspecto acaba interferindo na disponibilidade de mão de obra, visto que no cenário dos pequenos produtores rurais a unidade familiar é a base de toda estrutura produtiva (Logan & Ranzijn, 2008). A problemática da saída dos adolescentes do meio rural também foi identificada em estudos anteriores (Favero, 2006; Reed, Rayens, Conley, Westneat & Adkins, 2012) e tem sido relacionada ao baixo status do trabalho rural e ao declínio das condições e retorno financeiro provenientes da agricultura. Para os adolescentes, a realização de atividades na suinocultura é ainda menos almejada, em função do preconceito social e do cheiro do esterco: *“As crianças lá em casa disseram que se é pra ajudar limpar o chiqueiro tem que arrumar luva, porque eles vão na aula né, daí ficam fedendo. Apesar de tomar banho, fede igual, eles morrem de vergonha de dizer que ajudam no chiqueiro”* (Maria).

No caso das mulheres a sobrecarga se mostrou ainda maior, na medida em que, além de realizarem atividades na agricultura, são responsáveis pelas atividades domésticas e por inúmeros outros papéis familiares. Estes dados corroboram os achados de um estudo realizado na Austrália, que identificou que, nos últimos anos, as mulheres rurais começaram a responder tanto pelos afazeres domésticos e de educação dos filhos, quanto pelo trabalho na agricultura, assumindo uma carga de trabalho e de responsabilidades muito superior ao do papel masculino. Nos achados do estudo, estas transformações se mostraram associadas a sérios danos à saúde mental, tais como: isolamento social, depressão, estresse e ansiedade (Logan & Ranzijn, 2008). Um estudo realizado com 179 trabalhadoras rurais de uma região da Rússia mostrou que 66,7% das participantes não realizavam descanso adequado após a jornada de trabalho em função do envolvimento em atividades domésticas, e que, 85,3% não possuíam férias (Ianbukhtina, Masiagutova & Gainullina, 2011).

Além disso, a falta de lazer, férias ou dias de folga do trabalho é considerada um fator de sofrimento para os participantes do estudo, que contribui para a intensificação do trabalho, como observado nas falas: *“Lá em casa o que é mais ruim, eu não acho tão ruim limpá, acho pior tratá. Tratá é quatro vez por dia, tu não pode sair, se vai pra cidade já logo tem que voltá. Não tem final de semana”* (André); *“É uma cadeia”* (Clara). Apesar de a maioria dos participantes relatarem este processo de aprisionamento em função das atividades de trabalho, alguns afirmaram conseguir se organizar anualmente para descansar ou mesmo, viajar: *“Eu, graças a Deus consegui ir junto numa excursão, faz muitos anos, fomos pras praias”* (Marcelo). Neste sentido, percebe-se que além dos impedimentos provenientes da rotina de trabalho e características da atividade na suinocultura, existe uma dificuldade de organização e gestão dos próprios trabalhadores com relação ao trabalho, dificultando a realização de períodos de descanso. Se de um lado estão as convenções e exigências aplicadas

pela Cooperativa 1, do outro está o ritmo imposto por eles próprios, estabelecido para dar conta não só do trabalho na suinocultura, mas também das outras atividades rurais.

Não bastasse às inúmeras implicações e riscos à saúde que a falta de descanso do trabalho pode provocar, também há um impacto nas relações sociais, na medida em que os trabalhadores não dispõem de tempo para atividades comunitárias e de lazer. Com isso, percebe-se que condições básicas de trabalho e de qualidade de vida já conquistadas ao longo dos anos e previstas pela legislação trabalhista, não são vivenciadas pelos suinocultores, expondo um cenário de grande vulnerabilidade e exploração do trabalhador.

3.2.2 Falta de reconhecimento

Os suinocultores identificaram como um fator de sofrimento a falta de reconhecimento pelo trabalho realizado, tanto no âmbito social, quanto pela Cooperativa 1. No que diz respeito ao aspecto social, se sentem, em muitos momentos, ridicularizados por trabalharem com suínos ou em função do cheiro de esterco que fica impregnado nas roupas. Falas como: *“Eu já ouvi dizer que é trabalho de presidiário, pra preso”* (Pedro) e *“Pra mim já falaram, perguntaram como é que naquele dia eu não tava fedendo porco”* (Paulo), demonstram esta problemática. Os participantes trouxeram relatos de que socialmente o trabalho na suinocultura é visto como algo simples de ser realizado ou com pouca complexidade, conforme relato de João *“[...] muitos acham que é fácil, que qualquer um faz”*. Também foi abordada a falta de reconhecimento do trabalhador rural de modo geral *“É sofrido o trabalho na lavoura. Eles não dão valor pra gente, ainda quando a gente vai na cidade eles chamam a gente de colono grosso”* (Laura).

A falta de reconhecimento, por parte da Cooperativa 1, está relacionada: aos baixos valores recebidos; à falta de retorno positivo sobre as atividades realizadas; e ao sentimento de que a cooperativa se preocupa demasiadamente com a própria lucratividade, deixando de lado o bem-estar do suinocultor. Alguns relatos evidenciam esta problemática: *“Todo esse tempo que eu trabalho com porco só me chamaram pras reunião pra me dizer o tamanho das canaleta que eu tinha que colocá no chiqueiro, a medida dos cocho, o que podia fazê e o que não podia fazê... Ninguém nunca perguntou como a gente se sente, se nós tava fedido ou não, só pensam no lucro deles”* (João); *“Eles só reclamam de nós, nunca ninguém me disse o que tava bom”* (Márcia). A forma como os trabalhadores são remunerados intensifica a falta de reconhecimento na medida em que avalia apenas o resultado final do trabalho, desconsiderando o fazer cotidiano. Sabe-se que o sentido do trabalho não está no resultado

final, mas sim, no caminho percorrido para chegar ao resultado final, na experiência subjetiva do trabalho (Dejours, 2008a). Deste modo, quando os trabalhadores se deparam com um resultado ruim ao final do ciclo produtivo, é como se todo investimento realizado no cuidado diário dos suínos não tivesse valor ou reconhecimento algum.

De acordo com Dejours (1992, 2004, 2008b), o reconhecimento no trabalho se dá através da validação social realizada pelos pares, clientes, fornecedores e sociedade de modo geral, através do retorno financeiro, de elogios e do reconhecimento da importância da atividade. Sendo assim, assume um papel crucial no estabelecimento do prazer no trabalho e na construção da identidade do sujeito, pois os investimentos na identidade e na subjetividade do homem dependem do olhar do outro. Quando não ocorre o reconhecimento e o trabalhador passa a se sentir desvalorizado, perde-se o sentido do trabalho, o que dificulta a transformação do sofrimento em prazer, significando ao longo do tempo, intensificação e agravamento do sofrimento que pode ser transformado em patologias, como a violência e o suicídio (Mendes, 2007a). No caso dos suinocultores a falta de reconhecimento relatada é intensificada ainda mais, pois não está relacionada apenas ao trabalho realizado, mas também ao lugar que ocupam socialmente, o lugar de trabalhador rural, ou como por eles referido, o lugar de “colono” (Clara).

Além disso, foi possível identificar que, com o passar do tempo, os suinocultores passam a restringir o contato social com pessoas que não trabalham na suinocultura, em função da vergonha e dos constrangimentos ocorridos pelo cheiro de esterco. Alguns relatos elucidam este processo: *“A gente que é acostumado não sente o cheiro, mas tu vai no meio dos outros, tá loco, todo mundo sente. Parece que a gente se sente mal no meio dos outros. É bem ruim”* (André); *“Tu chega num lugar, tipo hoje, além de tu não se sentir bem, ninguém se sente bem”* (Clara); *“Um dia nós tinha que ir no banco, mas tomamos banho, banho, meee... Nós saímos de casa ainda fedido, nós se olhava e os do banco sentiram também né”* (Marcelo); *“As vezes não dá pra sair mais de casa se tu vai no chiqueiro”* (Ana). Estudos anteriores acerca dos efeitos do odor em trabalhadores que atuam com animais confinados, mostraram que além de gerar danos físicos, como dores de cabeça, náusea, problemas no apetite, problemas respiratórios, irritação nos olhos e nariz; o mau cheiro pode estar associado a alterações de humor, agitação, transtornos do sono e depressão (Schiffman, et al., 1995; Donham, 2010).

As vivências relacionadas à falta de reconhecimento e ao preconceito podem contribuir para o entendimento da fragilidade dos fatores de prazer no trabalho. Pois, na medida em que não há retorno positivo sobre o trabalho, seja por parte da sociedade, da

família, dos pares ou da própria cooperativa, o prazer do fazer cotidiano deixa de existir e o sentido de estar realizando a atividade fica apenas alicerçado no passado ou na dependência da atividade para sobreviver. Nesta dinâmica há pouco espaço para a mobilização subjetiva, o que captura o trabalhador e o conduz para um trabalho apartado de si, para um funcionamento assujeitado e desprovido de subjetividade (Mendes & Facas, 2011).

3.3.3 Desgaste gerado pelo trabalho

Como consequência da precarização, da sobrecarga, da dificuldade para encontrar fatores de prazer no trabalho e da falta de reconhecimento, surge o desgaste físico e mental, aspecto bastante enfatizado pelos participantes. Quando questionados sobre o que era ruim ou sobre o que gerava sofrimento na suinocultura, as primeiras respostas e também as mais enfatizadas estavam relacionadas ao desgaste gerado pelo trabalho. De acordo com os participantes, atividades como a limpeza das pocilgas, a pesagem dos suínos, o carregamento e descarregamento dos suínos, a alimentação e a separação dos animais estão entre as mais desgastantes. Estas questões podem ser evidenciadas nas falas: *“Uma coisa ruim, é quando vem os porquinho que tu tem que separa as fêmea dos macho, daí tu fica abaixado, separando tudo e sempre leva um banho de merda”*(Lucas); *“Porque tu te desgasta, pega os porquinho pelos pés e eles pulam, é bem desgastante”* (Ricardo); *“No carregamento é muito ruim, as vez a gente dormia no frio, lá no galpão. Daí estraga a noite. Tu perde a vontade de trabalhá”* (Clara); *“Eu acho que sofre quem tira cascão³, judia muito do corpo”* (Pedro).

Os efeitos do esforço realizado aparecem na forma de sintomas e danos à saúde, tais como: tristeza; ausência de vontade de trabalhar; intensas dores nas costas; rinite; dores nos pés e nos joelhos; e grande frequência de lesões e acidentes (chutes, mordidas e esmagamentos provocados pelo contato com os suínos). Algumas falas elucidam este sofrimento: *“Eu tenho um problema no pé de tirar cascão. Eu comprei uma máquina pra tirá cascão e forcei demais o pé, daí machucou. Daí rompeu os ligamento e tive que fazer uma cirurgia”* (João); *“Eu tenho dor nos braços né, muita dor. Não sei se é o nervo, se é desgaste”*(Márcia); *“Eu tomo remédio direto, os joelho tão desgastado. Eu teria que fazer cirurgia”* (Sônia); *“Dói muito a coluna e os joelho, chega dá uma tristeza na gente”* (Marcelo). Apesar do adoecimento, os trabalhadores continuam trabalhando e quando fisicamente impossibilitados, como no caso de cirurgias, não procuram o auxílio do Estado.

³ *Cascão* é um termo utilizado pelos suinocultores para descrever a massa de esterco formada no chão das pocilgas.

Quando questionados sobre a possibilidade de afastamento das atividades através da Previdência Social, estes mencionaram não ter acesso ou não conhecer os procedimentos, corroborando discussões já realizadas por Silva (2007) e por Wunsch e Mendes (2011) sobre a fragilidade da proteção social no atual cenário do trabalho. Para os suinocultores, deixar de trabalhar significa sobrecarregar os demais membros da família ou ainda, reduzir significativamente a renda familiar. Condições similares foram identificadas em estudos de Schlindwein (2010) e Fialho (2003) sobre o trabalho de fumicultores, que diante do adoecimento, presenciavam a sobrecarga dos outros membros da família, aumentando as chances destes também sofrerem acidentes e adoecerem em razão da intensificação do trabalho. Fialho (2003) entende que uma medida que poderia resolver o problema seria contratar profissionais para substituir temporariamente o trabalhador debilitado, mas esta é uma prática incomum, por ser extremamente onerosa às famílias.

Para compreender os impactos dos danos físicos à saúde mental do trabalhador rural, recorre-se a estudos anteriores que apontam que o conceito de saúde na perspectiva de trabalhadores rurais é sinônimo de "capacidade de trabalho" (Reed, Rayens, Conley, Westneat & Adkins, 2012). Portanto, entender os efeitos das limitações físicas na saúde mental destes trabalhadores, requer uma leitura clínica e também social, pois neste cenário, a capacidade de trabalhar assume além de uma conotação subjetiva, uma questão de sobrevivência. E isso, ocorre não por uma escolha individual, mas por uma condição social, econômica e política, na qual o acesso aos meios de proteção social e as políticas voltadas ao trabalhador são tão remotas quanto às comunidades às quais pertencem (Brasil, 2004; Silva, 2007; Schlindwein, 2010).

Estes dados não só corroboram outros estudos realizados com trabalhadores que atuam na pecuária (Kirychuk et al., 1998; Cole et al., 1999; Von Essen & Donham, 1999; Langley, 1999; Martinez, Gratton, Coggin, René & Waller, 2004; Receveur, 2005; Mitloehner & Calvo, 2008; Safin, Masiagutova, Khusnarizanova & Ianbukhtina, 2009; Geng et al., 2009; Gudmundsson & Tómasson, 2009; Donham, 2010; Ianbukhtina et al., 2011) como também demonstram uma problemática que vai além dos efeitos físicos provocados pela atividade de trabalho, expondo a percepção do trabalhador e os efeitos que o desgaste físico provoca na saúde mental. Dentre estes impactos podem ser citados, por exemplo, a falta de vontade de trabalhar e as implicações na qualidade de vida, visto que estes trabalhadores precisam continuar trabalhando mesmo lesionados ou com fortes dores no corpo.

3.4 Estratégias defensivas

3.4.1 Negação da dor: “*eu não dou bola pras dores*”

Diante da necessidade de trabalhar, apesar das intensas dores geradas pela sobrecarga de trabalho ou pelas lesões, os suinocultores fazem uso de mecanismos de negação do sofrimento e dos sintomas gerados pelo processo de adoecimento, “*Eu não dou bola pras dores, se não eu não faço nada*” (Ana); “*Se você tá com dor ali, tá sofrendo... desistir não dá. Tem que continuar...*” (Ricardo). Este cenário, como já evidenciado por estudos anteriores (Santos, Mendes & Araujo, 2009; Franco, Druck & Seligmann-Silva, 2010; Carvalho & Moraes, 2011), atua na intensificação das atividades e na alienação das sensações do corpo, agravando ainda mais os sintomas e propiciando o estabelecimento das lesões por esforço repetitivo/distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (LER/DORTs), entre outras patologias associadas à sobrecarga.

Esta estratégia defensiva pode se apresentar aos trabalhadores como um fator de risco para a saúde, pois diminui a preocupação com os sintomas físicos vivenciados e, conseqüentemente, as atitudes de autocuidado. Ao longo da pesquisa foi possível perceber que os suinocultores não utilizam roupas adequadas para o trabalho ou equipamentos de proteção individual, e não costumam procurar atendimento médico diante das dores ou lesões, optando pela automedicação ou técnicas medicinais alternativas.

Além disso, a negação do próprio sofrimento ou do sofrimento dos outros, se constitui como um fator que contribui para o adoecimento no trabalho, afinal, o processo de negar ou ignorar um fator de sofrimento, exclui a possibilidade de transformação ou de ressignificação do sofrimento (Mendes, 2007a). Portanto, o fato de os trabalhadores se acostumarem com as dores, riscos e lesões também dificulta a mobilização coletiva na busca por melhorias, tornando-os submissos e, como mencionado por eles próprios, prisioneiros do trabalho.

3.4.2 Racionalização: “*Tem coisa pior que lidá nos chiqueiro*”

Os trabalhadores também lançaram mão de explicações racionais para estarem trabalhando na suinocultura, fundamentadas no fato de que existem atividades piores do que a realizada e que, por mais que o retorno financeiro seja incerto, pelo menos ao final da etapa produtiva será recebido algum valor. Em outras atividades, como na lavoura, por exemplo,

este retorno pode não vir: *“Mas eu acho bem melhor os porco, do que trabalhá nas lavora, luta com veneno. Pelo menos tu tá na sombra, seguro”* (Ricardo); *“Já no inverno o aviário é pior né. Tem que levantar de noite pra cuidá”* (Paula); *“Tu sabe que dali tanto tempo tu vai ter um dinheiro, não sabe quanto, mas alguma coisa tu vai ter”* (Lucas). Outro aspecto abordado é de que outras atividades também teriam momentos difíceis *“Eu pensei que se tu procurasse o que tu gosta de fazê, também ia ter dias que tu não ia gostar, então é melhor ficar nisso mesmo”* (Sônia).

Diante das explicações lógicas para continuarem trabalhando, supervalorizam a atividade e se tornam reféns do próprio sistema, deixando de refletir sobre os aspectos negativos do trabalho, e conseqüentemente, das possibilidades de transformação e melhoria das condições de vida e trabalho. Já não questionam o quanto recebem ou se os valores pagos são justos, pois receber algum valor é o suficiente: *“qualquer coisa é melhor que nada”* (Maria). A racionalização e a negação permanente da dor estão diretamente atreladas à patologia da servidão voluntária (Mendes, 2007b), na medida em que os trabalhadores, apesar da exploração e de todo sofrimento vivenciado, sentem-se agradecidos por pertencerem a Cooperativa 1 e por receberem algum retorno financeiro, mesmo que precário e insuficiente.

Com isso, entende-se que a precarização do trabalho na suinocultura não está atrelada apenas aos aspectos da organização do trabalho, mas também ao atual contexto do trabalho rural, que contribui para a submissão do agricultor mediante condições vida e de trabalho inadequadas, da falta de acesso aos meios de proteção social, educação, lazer, saúde e de alternativas diferenciadas de geração de renda. Sendo assim, o sofrimento dos trabalhadores investigados e, especialmente, os dispositivos utilizados para amenizar seus impactos e garantir a continuidade do trabalho, ultrapassam a análise clínica e recaem sobre as novas formas de acumulação flexível de capital, pautadas na gestão pelo medo, no individualismo e na banalização da injustiça social (Dejours, 2007a).

3.4 Efeitos da pesquisa

Na clínica do trabalho, o maior desafio é contribuir para o fortalecimento dos sujeitos, potencializando a modificação dos contextos de trabalho, ao invés de realizar uma análise fatalista, adaptando-se ao cenário vivenciado pelo trabalhador (Périlleux, 2013). Com este objetivo, o segundo encontro dos grupos focais teve um caráter de validação dos dados obtidos no primeiro encontro e também, de discussão conjunta sobre as possibilidades de transformação do trabalho. Neste processo, os participantes passaram a refletir, questionar e

interagir acerca dos próprios relatos. Os posicionamentos que no primeiro encontro apareciam de maneira isolada e individual, no segundo encontro eram coletivos, complementados e compartilhados pelos outros integrantes do grupo, como pode ser observado nestes trechos: *“Então, é... Não adianta só reclama do que tá ruim, tem que fazer alguma coisa pra melhorar. Tem gente que reclama, reclama, mas se é pra fazer uma coisinha pra melhorar não faz”* (André); *“Pois é... por isso que eu acho que nós terminador devia se reunir mais, se reunir e escrever um documento com tudo que podia ser melhorado, coisas pra facilitá e não judiá tanto nós. Porque talvez tu possa fazer as coisas sem tanto sofrimento”* (Pedro).

Estes relatos mostram que se fossem estimulados e construídos espaços de comunicação entre os trabalhadores, existiriam possibilidades para o reestabelecimento dos vínculos, da cooperação e da própria mobilização coletiva. Pôde-se evidenciar que quando o sofrimento do trabalhador passa a ser escutado, compreendido, interpretado, elaborado e perlaborado em espaços públicos, surge a possibilidade de reconstrução dos espaços subjetivos e também do fortalecimento do coletivo de trabalho, abrindo, então, espaço para que os próprios trabalhadores possam se organizar e se mobilizar para a transformação da organização do trabalho. Desta forma, falar sobre o sofrimento resgata no trabalhador o processo de pensar sobre o trabalho, colocando-o num lugar de sujeito da ação (Mendes, 2007a).

Outro aspecto ressaltado pelos participantes é que ao serem escutados se sentiram valorizados e vistos socialmente, percebendo que o trabalho na suinocultura pode interessar à sociedade e, portanto, tem sentido e valor. Algumas falas ilustram este sentimento dos trabalhadores: *“Nunca ninguém se interessou por uma coisa dessas, pelo nosso trabalho”* (Ricardo); *“Esse interesse que você tem em cima de nós, isso é muito gratificante”* (André); *“Foi muito bom pra nós, se nós te ajudamo, tu ajudo nós muito mais”* (Marcelo); *“A gente veio com muita vontade pro encontro”* (Luiz); *“Será que depois quando tu vier dar o retorno pra nós, tu tem como dizer pra nós o que os doutor lá acharam do nosso trabalho?”* (Pedro), *“Eu vou colocar esse cartão na porta do chiqueiro e vou mostrar pro técnico, ó, essa é a reunião que nós participamo. Olha o que tá escrito aqui, “sua participação foi importante, obrigada””* (Clara).

O espaço de fala e de escuta oferecido aos suinocultores também gerou um efeito terapêutico, na medida em que permitiu falar sobre os sofrimentos vivenciados e principalmente, proporcionar maior interação social, aspecto comumente fragilizado em função da alta demanda de trabalho e da vergonha do cheiro de esterco. Este aspecto pode ser percebido na fala de Laura: *“A gente sai de casa, toma um chimarrão, conversa, troca ideia,*

se conhecemo, isso foi a melhor coisa que eu já tive". Os próprios participantes do estudo organizaram um jantar após o encerramento da coleta de dados, no qual puderam continuar conversando sobre as temáticas relacionadas ao trabalho e pensar sobre a construção de um documento com sugestões de melhorias do trabalho que seria enviado à Cooperativa 1.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de analisar as vivências de prazer e de sofrimento de suinocultores no trabalho, além de caracterizar a organização do trabalho neste meio e de compreender as estratégias defensivas utilizadas por estes trabalhadores frente ao sofrimento, este estudo ampliou os dados já existentes acerca dos riscos físicos atrelados à atividade e elucidou problemáticas relacionadas à precarização do trabalho na suinocultura. Nesse sentido, a análise das vivências destes trabalhadores permitiu conhecer a dinâmica de como ocorre a intensificação do sofrimento e o papel das estratégias defensivas no impedimento da mobilização coletiva e da transformação da realidade de trabalho.

A organização do trabalho caracterizada pela gestão opressiva do cooperativismo e pelas pressões impostas pelos próprios trabalhadores na busca pelo sustento familiar e por melhores condições de vida, gera sobrecarga, que agrava o sofrimento, provocando desgaste e sintomas relacionados ao adoecimento, como por exemplo, estresse, ansiedade, insegurança, perda da vontade de trabalhar, dores crônicas, lesões e acidentes. A falta de reconhecimento no trabalho e o preconceito social em função da atividade também atuam como intensificadores do sofrimento. As estratégias defensivas assumiram predominantemente, um caráter individual e, portanto, com pouco potencial de mobilização e transformação da organização do trabalho, na medida em que estão pautadas muito mais na adaptação do trabalhador para que possam continuar trabalhando, do que na transformação dos fatores geradores de sofrimento.

Mesmo diante da dificuldade de reconhecer os aspectos positivos no trabalho, os participantes conseguiram identificar fatores de prazer, relacionando-os à manutenção da tradição familiar em trabalhar com suínos, à possibilidade de "curar" os animais doentes e ao retorno financeiro obtido com os animais, mesmo que precário. Também foi possível identificar que, para os trabalhadores investigados, no cenário das atividades rurais a suinocultura ainda é a melhor opção, considerando que não é suscetível às alterações climáticas, o trabalho não é no sol e o trabalhador não precisa ter contato com agrotóxicos. Já a realização de atividades rurais alternativas à suinocultura, se mostrou ao mesmo tempo

como um fator que ameniza a insegurança e os prejuízos gerados pela instabilidade do pagamento na suinocultura, como também um fator atrelado à sobrecarga de trabalho e à falta de lazer.

Dentre as limitações do estudo pode ser citado o número reduzido de encontros dos grupos focais. Caso houvesse espaço para o estabelecimento de encontros recorrentes, possivelmente, os efeitos da pesquisa poderiam ser ampliados, abrindo espaço para que de fato os trabalhadores pudessem se organizar coletivamente, aumentando as possibilidades de transformação da organização do trabalho e, conseqüentemente, dos fatores de sofrimento encontrados nela. Sugere-se que futuros estudos investiguem questões relacionadas à saúde mental dos adolescentes no meio rural. Foi identificada grande demanda de atuação junto a este grupo ao longo da pesquisa. Muitos participantes falaram sobre a dificuldade para lidar com os filhos, especialmente diante do uso e abuso de drogas, da ocorrência de gravidez na adolescência, das fugas de casa, dos episódios de depressão e de isolamento social. Além disso, caberia investigar questões atreladas à saúde mental da mulher no trabalho rural e também, sobre as configurações do trabalho infantil, bastante comum entre as famílias.

Tendo em vista os resultados obtidos, pôde-se concluir que os suinocultores investigados vivenciam condições precárias de trabalho, o que têm causado prejuízos à sua saúde física e mental. A contribuição desta investigação teve um caráter científico, na medida em que construiu conhecimento acerca das vivências de trabalho dos suinocultores, um grupo ainda pouco investigado pelos estudos da psicologia e da própria psicodinâmica do trabalho. E teve também uma contribuição de caráter político e social, direcionada aos próprios suinocultores, que possibilitou a construção de um espaço de reflexão e de aproximação com seus pares.

REFERÊNCIAS

- Almeida, L. L., & Merlo, A. R. C. (2008). Manda quem pode, obedece quem tem juízo: prazer e sofrimento psíquico em cargos de gerência. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 11(2), 139-157. Obtido em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000200002&lng=pt&nrm
- Alpass, F., Flett, R., Humphries, S., Massey, C., Morriss, S., & Long, N. (2004). Stress in dairy farming and the adoption of new technology. *International Journal of Stress Management*, 11(3), 270-281.

- Angrosino, M. (2009). *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed.
- Antloga, C. S., & Mendes, A. M. (2009). Sofrimento e adoecimento dos vendedores de uma empresa de material de construção. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 255-262. Obtido em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n2/a14v25n2.pdf>
- Assis, D. T. F., & Macedo, K. B. (2008). Psicodinâmica do trabalho dos músicos de uma banda de blues. *Psicologia e Sociedade*, 20 (1), 117-124. doi: 10.1590/S0102-71822008000100013
- Associação Catarinense de Criadores de Suínos (2008). *Histórico da suinocultura*. Recuperado em 14 de maio de 2012. Obtido em http://www.accs.org.br/dados_ver.php?id=2
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. (L. Reto, & A. Pinheiro, Trad.) São Paulo: Edições 70/Livraria Martins Fontes.
- Berry, H. L., Hogan, A., Owen, J., Rickwood, D., & Fragar, L. (2011). Climate change and farmers' mental health: risks and responses. *Asia Pac J Public Health*. 23(2): 119S-32. doi 10.1177/1010539510392556.
- Biernacki, P., & Waldorf, D. (1981). Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods & Research*, Thousand Oaks, CA, v. 10, n. 2.
- Bottega, C. G., & Merlo, Á. R. C.. (2010). Prazer e sofrimento no trabalho dos educadores sociais com adolescentes em situação de rua. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 13(2), 259-275. Obtido em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v13n2/v13n2a08.pdf>
- Brasil. (1996). Ministério da Saúde/CNS. *Resolução n° 196/96*. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado em 20 de junho de 2012. Obtido em http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm
- Brasil. (2004). Ministério da Saúde do Brasil. *Política nacional de segurança e saúde do (a) trabalhador (a)*. Recuperado em 21 maio de 2012. Obtido em http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/insumos_portaria_interministerial_800.pdf
- Brasil. (2005). Ministério do Trabalho e Emprego. *Portaria No. 86, de 03 de Março de 2005*. Brasília: Diário Oficial da União, 4 mar. [18] p. Recuperado em 28 de junho de 2012. Obtido em http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812BE914E6012BF91BAE4A6A38/p_20050303_86.pdf
- Brasil. (2012). Ministério da Agricultura. *Suínos*. Recuperado em 20 de maio 2012. Obtido em <http://www.agricultura.gov.br/animal/especies/suinos>

- Carvalho, G. M., & Moraes, R. D. (2011). Sobrecarga de Trabalho e adoecimento no Pólo Industrial de Manaus. *Psicologia em Revista*, 17 (3), 465-482. doi 10.5752/P.1678-9563.2011
- Central de Inteligência de Aves e Suínos [CIAS] (2012). *Distribuição espacial da produção de suínos no Brasil*. Recuperado em 18 de março de 2013. Obtido em http://www.cnpsa.embrapa.br/cias/index.php?option=com_content&view=article&id=59
- Cole, D. J., Hill, V. R., Humenik, F. J., & Sobsey, M. D. (1999). Health, safety, and environmental concerns of farm animal waste [Resumo]. *Occup Med*, 14(2), 423-48. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10329913>
- Conselho Federal de Psicologia [CFP]. (2000). *Resolução para pesquisa com seres humanos*. Resolução 016/2000, Brasília: CFP. Recuperado em 23 de agosto de 2012. Obtido em http://pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao2000_3.pdf
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho* (5ª edição). São Paulo: Cortez – Oboré.
- Dejours, C., Abdoucheli, E., & Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. (2004). *Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Dejours, C. (2007a). A banalização da injustiça social (tradução Luiz Alberto Monjardim). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Dejours, C. (2007b). Psicodinâmica do trabalho na pós-modernidade. In: Mendes, A. M., Lima, S. C. C. & Facas, E. P. (orgs.). (pp. 13-26). *Diálogos em psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Paralelo 15.
- Dejours, C. (2008a). *A avaliação do trabalho submetida à prova do real*. São Paulo: Blucher.
- Dejours, C. (2008b). Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In Lancman, S. & Sznelwar, I. L. (Org.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Paralelo, p 49-106.
- Donham, K. J. (2010). Community and occupational health concerns in pork production: a review [Resumo]. *Anim Sci*, 88(13), 02-11. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20154166>
- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária [EMBRAPA]. (2012). *Agência de informação Embrapa: suínos*. Brasília: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Recuperado em 29 de setembro de 2012. Obtido em http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/suinos/arvore/CONTAG01_6_1012200293742.html

- Faria, N. M. X., Facchini, L. A., Fassa, A.G., & Tomasi, G. (1999). Estudo transversal sobre saúde mental de agricultores da Serra Gaúcha (Brasil). *Revista de Saúde Pública*, 33 (4), 391-400. Obtido em <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v33n4/0467.pdf>
- Favero, E. (2006). *A seca na vida das famílias rurais de Frederico Westphalen-RS* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, UFSM, Santa Maria, Brasil). Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>
- Fialho, R. R. (2003). *Os sentidos produzidos pelos agricultores e agricultoras familiares da cultura de fumo em relação ao trabalho*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa* / Uwe Flick; tradução Sandra Netz. (2 ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Franco, T., Druck, G., & Seligmann-Silva, E. (2010). As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35 (122): 229-248. doi 10.1590/S0303-76572010000200006
- Fraser, C., Judd, F., Jackson, H., Murray, G., Humphreys, J. S., & Hodgins, G. A. (2002). Does ones size really fit all? Why the mental health of rural Australians requires further research. *Australian Journal of Rural Health*, 10, 288-295.
- Geng, Q., Torén, A., & Salomon, E. (2009). Screening the working environment in outdoor pig systems [Resumo]. *Journal of Agricultural Safety and Health*, 15(3): 283-297. Obtido em <https://elibrary.asabe.org/abstract.asp?aid=27409&t=2&redir=&redirType=>
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Grzywacz, J. G., Quandt, S. A., Chen, H., Isom, S., Kiang, L., Vallejos, Q., & Arcury, T. A. (2010). Depressive symptoms among Latino farmworkers across the agricultural season: Structural and situational influences. *Cultur Divers Ethnic Minor Psychol*.16(3): 335-43. doi 10.1037/a0019722
- Gudmundsson, G., & Tómasson, K. (2009). General health in Icelandic farmers [Resumo]. *Laeknabladid*, 95(10), 9-655. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19858544>
- Hosain, G. M., Chatterjee, N., Ara, N., & Islam, T. (2007). Prevalence, pattern and determinants of mental disorders in rural Bangladesh [Resumo]. *Public Health*; 121(1), 18-24. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17055545>
- Ianbukhtina, G.A., Masiagutova, L. M., & Gainullina, M. K. (2011). Social and hygienic factors for health state in female poultry workers [Resumo]. *Med Tr Prom Ekol*, 1, 29-34. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21442943>

- Kilkkinen, A., Kao-Philpot, A., O'Neil, A., Philpot, B., Reddy, P., Bunker, S., & Dunbar, J. (2007). Prevalence of psychological distress, anxiety and depression in rural communities in Australia [Resumo]. *Aust J Rural Health*, 15(2), 114-9. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17441820>
- Kiryuchuk, S., Senthilselvan, A., Dosman, J. A., Zhou, C., Barber, E. M., Rhodes, C. S., & Hurst, T. S. (1998). Predictors of longitudinal changes in pulmonary function among swine confinement workers [Resumo]. *Can Respir J*, 5(6), 8-472. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10070175>
- Langley, R. (1999). Physical hazards of animal handlers [Resumo]. *Occup Med*, 14(2), 181-94. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10329900>
- Logan, C., & Ranzijn, R. (2008). The bush is drying: a qualitative study of South Australian farm women living in the midst of prolonged drought. *Journal of Rural Community Psychology*, 12(2). Obtido em <http://www.marshall.edu/jrcp/VE12%20N2/jrcp%2012%202%20Logan%20and%20Ranzijn.pdf>
- Martinez, R., Gratton, T. B., Coggin, C., René, A., & Waller, W. J. (2004). A study of pesticide safety and health perceptions among pesticide applicators in Tarrant County, Texas. *Environ Health*, 66(6), 34-7. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14768280>
- Mendes, A. M. (2007a). Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In Mendes, A. M. (org). *Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas* (pp. 29-48). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mendes, A. M. (2007b). Novas formas de organização do trabalho, ação dos trabalhadores e patologias sociais. In Mendes, A. M. (Org). *Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método e pesquisas* (pp. 49-87). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mendes, A. M. B., & Silva, R. R. da. (2006). Prazer e sofrimento no trabalho dos líderes religiosos numa organização protestante neopentecostal e noutra tradicional. *Psico USF*, 11(1), 103-112. Obtido em <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v11n1/v11n1a12.pdf>
- Mendes, A. M., & Morrone, C. (2010). Trajetória teórica e pesquisas brasileiras sobre prazer e sofrimento no trabalho. In Mendes, A. M., Merlo, A. R. C., Morrone, C., & Facas, E. P. (Org.). *Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros* (pp. 29-52). Curitiba: Juruá.
- Mendes, A. M. B., & Facas, E. P. (2011). Subjetividade e trabalho com automação. In Moraes, R. M. & Vasconcelos, A. C. L. (Org.). *Subjetivação e trabalho com automação: estudo no polo industrial de Manaus*. Amazonas: Edua.

- Mitloehner, F. M., & Calvo, M. S. (2008). Worker health and safety in concentrated animal feeding operations [Resumo]. *J Agric Saf Health*, 14(2), 163-87. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18524283>
- Morgan, D. (1997). *Focus group as qualitative research*. Qualitative Research Methods Series. London: Sage Publications.
- Nunes, A. V. de L., & Lins, S. L. B. (2009). Servidores públicos federais: uma análise do prazer e sofrimento no trabalho. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 9(1), 51-67. Obtido em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572009000100004&lng=pt&nrm=iso
- Périlleux, T. (2013). O trabalho e os destinos políticos do sofrimento (tradução Ricardo Avelar de Souza). In Merlo, A. R. C., Mendes, A. M. & Moraes, R. D. *O sujeito no trabalho: entre a saúde e a patologia* (pp. 73-92). Curitiba: Juruá.
- Receveur, T. (2005). Balancing animal well-being, cost, and employee health and safety in caging design and selection [Resumo]. *Contemp Top Lab Anim Sci*, 44(3), 68-71. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15957221>
- Reed, D. B., Rayens, M. K., Conley, C. K., Westneat, S., & Adkins, S. M. (2012). Farm elders define health as the ability to work. *Workplace Health Saf*. 60 (8): 345-51. doi 10.3928/21650799-20120716-49
- Romero, S. M. (2000). A utilização da metodologia dos grupos focais na pesquisa em psicologia. In H. Scarparo (Ed.). *Psicologia e pesquisa: Perspectivas metodológicas*. Porto Alegre: Sulina.
- Safin, V. F., Masiagutova, L. M., Khusnarizanova, R. F., & Ianbukhtina, G. A. (2009). Evaluation of health state and immune reactivity in female workers of pig-breeding enterprise [Resumo]. *Med Tr Prom Ekol*, (11), 34-7. Obtido em [http://www.unboundmedicine.com/medline/ebm/record/20095412/full_citation/\[Evaluation_of_health_state_and_immune_reactivity_in_female_workers_of_pig_breeding_enterprise\]_](http://www.unboundmedicine.com/medline/ebm/record/20095412/full_citation/[Evaluation_of_health_state_and_immune_reactivity_in_female_workers_of_pig_breeding_enterprise]_)
- Santos, J. A. V., Mendes, A. M., & Araujo, L. K. R. (2009). Experiência em clínica do trabalho com bancários adoecidos por Ler/ Dort. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 29(3), 614-625. Obtido em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932009000300014&script=sci_arttext
- Schiffman, S. S., Miller, E. A., Suggs, M. S., & Graham, B. G. (1995). The effect of environmental odors emanating from commercial swine operations on the mood of nearby residents. *Brain Res Bull*, 37(4), 369-75. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7620910>

- Schlundwein, V. L. D. C. (2010). Dor e sofrimento oculto: a desproteção social dos trabalhadores do fumo. *Barbarói*, 32 (1), 82-97. Obtido em <http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/1135/1085>
- Scolari, C., Costa, S. G. da, & Mazzilli, C. (2009). Prazer e sofrimento entre os trabalhadores de Call Center. *Psicologia USP*, 20 (4), 555-576. Obtido em http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S1678-51772009000400005&script=sci_arttext
- Scopinho, R. A. (2003). *Vigiando a vigilância: saúde e segurança no trabalho em tempos de qualidade total*. São Paulo: Annablume - Fapesp.
- Silva, A. R. (2007). *O significado do trabalho na terra do fumo: perspectivas dos agricultores frente ao sistema integrado de produção industrial em Santa Cruz do Sul/ RS*. Dissertação de Mestrado, não publicada, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul.
- Silva, J. M., Silva, N. E., Faria, H. P., & Pinheiro, T. M. M. (2005). Agrotóxico e trabalho: uma combinação perigosa para a saúde do trabalhador rural. *Revista de Ciência e Saúde Coletiva*, 10 (4), 891-903. Obtido em <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n4/a13v10n4.pdf>
- Silva, P. C. da, & Merlo, Á. R. C. (2007). Prazer e sofrimento de psicólogos no trabalho em empresas privadas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27 (1), 132-147. Obtido em <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=282021752011>
- Silva, R. R. da, & Holanda, A. F. (2008). A vivência de prazer e sofrimento no trabalho de líderes protestantes. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25 (3), 375-383. doi: 10.1590/S0103-166X2008000300006
- Siqueira, D. F. de, Moura, R. M. de, Laurentino, G. E. C., Silva, G. da P. F., Soares, L. D. de A., & Lima, B. R. D. de A. (2012). Qualidade de vida de trabalhadores rurais e agrotóxicos: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, 16 (2), 259-266. doi: 10.4034/RBCS.2012.16.02.22
- Von Essen, S., & Donham, K. (1999). Illness and injury in animal confinement workers [Resumo]. *Occup Med*, 14(2), 337-50. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10329909>
- Wünsch, D. S., & Mendes, J. M. R. (2011). Saúde do trabalhador e proteção social: as repercussões da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. *Estudos do Trabalho*, 5(9), 163-175. Obtido em <http://www.estudosdotrabalho.org/10revistaRET9.pdf>

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

“O que está em jogo no clínico-político é respeitar a qualidade das experiências singulares que são elaboradas nos dispositivos de escuta, sem impedir de relacioná-las umas com as outras para denunciar as múltiplas formas da opressão que elas abrigam” (Périllieuz, 2013, p. 85).

Esta dissertação apresentou dois artigos empíricos, com delineamento qualitativo, originados de um estudo acerca das vivências de trabalho de suinocultores. Ancorada na teoria da Psicodinâmica do Trabalho, a investigação permitiu compreender que diante da organização do trabalho, caracterizada pela precarização e pelo explorador modelo de cooperativismo, os suinocultores fazem uso de estratégias defensivas puramente individuais, anestesiando e silenciando o sofrimento. Sem espaço para perceberem e discutirem os fatores de sofrimento, também ignoram as vivências do outro, diminuindo as possibilidades de apoio e de mobilização coletiva. Nesta dinâmica, surge a sobrecarga e, resta ao sofrimento, se expressar através do corpo, marcando as vivências de trabalho dos suinocultores pelas frequentes lesões, acidentes e dores. Os efeitos negativos do trabalho extrapolam os danos físicos gerando tristeza, ansiedade, estresse, desesperança e insegurança frente ao futuro.

Um fator que agrava o processo de adoecimento, é que o sofrimento apresenta-se para os suinocultores como algo inerente ao sistema, afinal, o medo de perder a principal fonte de renda familiar e de precisar realizar atividades com condições ainda mais precárias, coloca os trabalhadores em um lugar de passividade diante do próprio sofrimento. Se por um lado o trabalhador, desprovido de direitos trabalhistas e de apoio social, aceita submeter-se ao trabalho precário na garantia de ter algum retorno financeiro, mesmo que miserável e injusto; por outro lado, a agroindústria cresce e se fortalece através do discurso de trabalho cooperado, se utilizando da fragilidade dos suinocultores.

Desta forma, entende-se que o trabalho cooperado no contexto da pesquisa, se apresenta como um sistema de geração de lucro bastante perspicaz, fundamentado na gestão pelo medo, no fomento ao individualismo e na submissão do trabalhador. O fato de os princípios legais previstos para a criação e funcionamento de uma cooperativa não terem sido identificados nas falas dos participantes do estudo, aponta para uma problemática muito mais complexa, a problemática do que poderia ser denominado invisibilidade ou anonimato da

exploração. Pois se, o intenso sofrimento destes suinocultores acontece naturalmente, deixando de ser problematizado pelos próprios trabalhadores, é porque outras instâncias políticas, sociais e governamentais não vêm cumprindo com seu papel de fiscalizar, proteger e emancipar. Afinal, como mencionado por Wunsch e Mendes (2011, p. 174) para que os trabalhadores tenham acesso aos direitos sociais é indispensável a presença do Estado, no sentido de “coibir a destruidora força do capital sobre a saúde do trabalhador”.

Mas apesar do silêncio gerado pelas pressões provenientes da organização do trabalho, foi possível identificar nos suinocultores um potencial para melhorar a realidade vivenciada. Desde o convite para participação do estudo até o momento da devolução final dos resultados, os trabalhadores se mostraram muito disponíveis, engajados na proposta e empolgados com a possibilidade de compartilhar suas vivências de trabalho. Um aspecto que teve grande contribuição para os efeitos emancipatórios da pesquisa foi a validação dos dados nos grupos focais. Percebeu-se que este processo serviu não apenas como instrumento para aumentar a qualidade do material, mas também como um recurso no qual os próprios trabalhadores puderam escutar, refletir e ressignificar suas falas.

Outra etapa da pesquisa considerada fundamental foi a devolução dos resultados do estudo para os suinocultores e também para a Cooperativa 1. No caso dos participantes, a devolução foi realizada em pequenos grupos, de acordo com a proximidade das residências. Todos se mostraram muito agradecidos pelo retorno e mobilizados diante de cada uma das palavras que compuseram a exposição dos resultados. Alguns trouxeram o relato que após a pesquisa buscaram conversar mais sobre o trabalho, tentando trocar conhecimentos e experiências para a obtenção de melhores resultados. Cinco participantes, possivelmente mais à vontade no menor grupo, pediram orientação quanto ao uso de antidepressivos e relataram episódios de pânico e depressão diante dos baixos resultados financeiros provenientes do trabalho. Estas falas tornam ainda mais preocupantes os efeitos negativos do trabalho, mas também apontam para o aumento das condições de fala e elaboração do sofrimento no grupo. Diante disso, sugere-se que futuros estudos com esta população considere a inclusão de espaços de escuta individual, potencializando ainda mais a expressão dos participantes.

A devolução dos resultados para a Cooperativa 1 foi realizada mediante solicitação da instituição e sob autorização dos participantes. A exposição durou três horas e contou com a participação da psicóloga do local, de gerentes e de coordenadores técnicos. Houve um grande cuidado com a preservação da identidade dos participantes, sendo que algumas informações acerca da caracterização deles foram alteradas. Frente aos dados apresentados, o grupo se mostrou aberto e interessado, além de solicitar sugestões quanto às possíveis

maneiras de instituir espaços de fala e de escuta junto aos suinocultores. Mencionaram que a precarização do trabalho é algo que também preocupa a cooperativa porque diminui o interesse dos trabalhadores rurais em inserir-se na suinocultura, e que há uma projeção de falta de mão de obra para este trabalho no futuro colocando em risco a continuidade do negócio. Alguns gestores falaram que sentem receio de escutar os suinocultores, pois podem não saber como agir diante das críticas. Muitas deles já haviam sido suinocultores e declararam entender o sofrimento vivenciado pelos participantes do estudo. Apesar disso, consideram que as políticas de mercado às quais a Cooperativa 1 está submetida, dificulta a implantação de melhorias nas condições de trabalho e remuneração dos suinocultores.

Pode-se afirmar que o maior impacto desta etapa foi a constatação de que todos ali, eram também *trabalhadores*. Destaca-se a palavra *trabalhadores* para que assuma o seu real significado, sim, aquele subjetivo, permeado por vivências de prazer, sofrimento, estratégias defensivas, de enfretamento, de necessidade de reconhecimento, suscetível a saúde e ao adoecimento. O grupo de trabalhadores representantes da Cooperativa 1, responsáveis por gerar lucro através da prática de gestão causadora de sofrimento aos suinocultores, pareceram “cumprir satisfatoriamente”⁴ com seus papéis, atendendo às exigências provenientes da organização do trabalho e buscando o reconhecimento através dos bons resultados.

Diante disso, entende-se que tanto os trabalhadores da Cooperativa 1 quanto os suinocultores, estão inseridos em um complexo modelo de acumulação flexível de capital que impacta no aumento do sofrimento, do adoecimento, da precarização e da individualização. No entanto, as causas e as consequências do sofrimento não podem ser naturalizadas e analisadas de maneira fatalista, o que significaria acomodar-se diante das injustiças sociais considerando-as apenas consequência do capitalismo e do sistema neoliberal. A clínica do trabalho oferece, justamente, um arsenal de possibilidades e de intervenções com foco em pequenas transformações da realidade, que podem apoiar o trabalhador na busca pela emancipação e saúde no trabalho. Finalmente, espera-se que esta investigação tenha cumprido com seu papel de dar voz ao sofrimento dos suinocultores, causando, aos olhos do outro, minimamente um estranhamento acerca do cooperativismo na suinocultura e da naturalização do trabalho precário.

⁴ A ideia de que os trabalhadores da Cooperativa 1 estão “cumprindo satisfatoriamente” seus papéis, mesmo que isso signifique desconsiderar ou intensificar o sofrimento dos suinocultores, está atrelada às discussões realizadas de Dejours (2007) que critica os modos atuais de gestão e problematiza a banalização da injustiça social tomando como referência a obra de Arendt (1999).

REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO

- Arendt, A. (1999). *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (tradução José Rubens Siqueira). São Paulo: Companhia das Letras.
- Cole, D. J., Hill, V. R., Humenik, F. J., & Sobsey, M. D. (1999). Health, safety, and environmental concerns of farm animal waste [Resumo]. *Occup Med*, 14(2), 423-48. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10329913>
- Dejours, C. (2007). *A banalização da injustiça social* (tradução de Luiz Alberto Monjardim). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Donham, K. J. (2010). Community and occupational health concerns in pork production: a review [Resumo]. *Anim Sci*, 88(13), 02-11. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20154166>
- Geng, Q., Torén, A., & Salomon, E. (2009). Screening the working environment in outdoor pig systems [Resumo]. *Journal of Agricultural Safety and Health*, 15(3): 283-97. Obtido em <https://elibrary.asabe.org/abstract.asp?aid=27409&t=2&redir=&redirType=>
- Gudmundsson, G., & Tómasson, K. (2009). General health in Icelandic farmers [Resumo]. *Laeknabladid*, 95(10), 9-655. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19858544>
- Ianbukhtina, G.A., Masiagutova, L. M., & Gainullina, M. K. (2011). Social and hygienic factors for health state in female poultry workers [Resumo]. *Med Tr Prom Ekol*, 1, 29-34. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21442943>
- Kiryuchuk, S., Senthilselvan, A., Dosman, J. A., Zhou, C., Barber, E. M., Rhodes, C. S., & Hurst, T. S. (1998). Predictors of longitudinal changes in pulmonary function among swine confinement workers [Resumo]. *Can Respir J*, 5(6), 8-472. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10070175>
- Langley, R. (1999). Physical hazards of animal handlers [Resumo]. *Occup Med*, 14(2), 181-94. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10329900>
- Martinez, R., Gratton, T. B., Coggin, C., René, A., & Waller, W. J. (2004). A study of pesticide safety and health perceptions among pesticide applicators in Tarrant County, Texas. *Environ Health*, 66(6), 34-7. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14768280>
- Mitloehner, F. M., & Calvo, M. S. (2008). Worker health and safety in concentrated animal feeding operations [Resumo]. *J Agric Saf Health*, 14(2), 163-87. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18524283>

- Périlleux, T. (2013). O trabalho e os destinos políticos do sofrimento (tradução Ricardo Avelar de Souza). In Merlo, A. R. C., Mendes, A. M. & Moraes, R. D. *O sujeito no trabalho: entre a saúde e a patologia* (pp. 73-92). Curitiba: Juruá.
- Receveur, T. (2005). Balancing animal well-being, cost, and employee health and safety in caging design and selection [Resumo]. *Contemp Top Lab Anim Sci*, 44(3), 68-71. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15957221>
- Safin, V. F., Masiagutova, L. M., Khusnarizanova, R. F., & Ianbukhtina, G. A. (2009). Evaluation of health state and immune reactivity in female workers of pig-breeding enterprise [Resumo]. *Med Tr Prom Ekol*, (11), 34-7. Obtido em [http://www.unboundmedicine.com/medline/ebm/record/20095412/full_citation/\[Evaluation_of_health_state_and_immune_reactivity_in_female_workers_of_pig_breeding_enterprise\]_](http://www.unboundmedicine.com/medline/ebm/record/20095412/full_citation/[Evaluation_of_health_state_and_immune_reactivity_in_female_workers_of_pig_breeding_enterprise]_)
- Schlindwein, V. L. D. C. (2010). Dor e sofrimento oculto: a desproteção social dos trabalhadores do fumo. *Barbarói*, 32 (1), 82-97. Obtido em <http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/1135/1085>
- Von Essen, S., & Donham, K. (1999). Illness and injury in animal confinement workers [Resumo]. *Occup Med*, 14(2), 337-50. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10329909>
- Wünsch, D. S., & Mendes, J. M. R. (2011). Saúde do trabalhador e proteção social: as repercussões da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. *Estudos do Trabalho*, 5(9), 163-175. Obtido em <http://www.estudosdotrabalho.org/10revistaRET9.pdf>

ANEXO A - ROTEIRO TEMÁTICO ⁵ DOS GRUPOS FOCAIS

1. *Fale-me sobre o seu trabalho* – Atividades realizadas, normas, ritmo de trabalho, processos e controles organizacionais, relações de poder, ambiente físico, equipamentos, materiais utilizados no trabalho, apoio institucional, fluxo de comunicação, relações de poder.
2. *Fale-me sobre os seus sentimentos em relação ao seu trabalho* – Vivências de prazer e sofrimento, descrição dos sentimentos relacionados ao trabalho, descrição das situações nas quais estes sentimentos aparecem, frequência e características das situações de trabalho nas quais os sentimentos ocorrem.
3. *O que você faz para lidar com as dificuldades do seu dia-a-dia de trabalho?* – Estratégias defensivas, mecanismos que o trabalhador utiliza para suportar as dificuldades encontradas, modo pelo qual o sofrimento é transformado.
4. *Como o trabalho tem afetado seu comportamento, sua família e sua saúde?* – Riscos psicossociais.

⁵ O roteiro temático foi uma adaptação do modelo apresentado por Mendes (2007b, p. 49-87).

ANEXO B - QUESTIONÁRIO BIOSOCIODEMOGRÁFICO

- 1 – Data de aplicação: ___/___/___
- 2 – Idade: _____ Sexo: _____
- 3 - Estado Civil: _____
- 4 - Profissão: _____
- 5 – Tempo que estudou na escola (em anos): _____
- 6 - Possui filhos? Sim Se sim, quantos: _____ Não
- 7 – Tempo que atua nesta atividade: _____
- 7.1 Qual etapa do ciclo de criação dos suínos você realiza? _____
- 7.2 De quantos suínos você cuida? _____
- 7.3 Outros membros de sua família auxiliam no trabalho com os suínos?
Sim Se sim, quais: _____ Não
- 8 - Assinale quanto à frequência que recebe pagamento pelo seu trabalho:
- a) Uma vez por mês
- b) Uma vez a cada 4 meses
- c) Uma vez ao ano
- d) Outro, especifique: _____
- 8.1 – Assinale a opção que mais se aproxima da sua renda média mensal:
- a. Até um salário mínimo
- b. Entre um e dois salários mínimos
- c. Entre dois e três salários mínimos
- d. Acima de três salários mínimos
- 9 - Assinale o tipo de relação de trabalho que possui:
- e) Proprietário
- f) Arrendatário
- g) Contratado sem carteira assinada
- h) Contratado com carteira assinada
- i) Diarista
- 10 – Carga horária de trabalho realizada diariamente: _____
- 10.1 – Turno de trabalho: _____
- 11 – Você realiza outras atividades de trabalho além da suinocultura? Sim Não
- 11.1 - Se sim, qual (s): _____

12 – Você já sofreu algum tipo de machucado ou acidente de trabalho? Sim Não

12. 1 - Se sim, qual (s): _____

13 – Você já esteve afastado do trabalho? Sim Não

13.1 Se sim, quantos dias _____

13. 2 - Se sim, por que: _____

14 – Se você quiser escrever um comentário ou incluir alguma informação adicional sobre as perguntas realizadas acima, fique à vontade:

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) senhor (a) _____,

Existem poucas pesquisas sobre a saúde mental dos suinocultores no Brasil, por isso, você está sendo convidado para participar de um estudo que tem o objetivo de conhecer melhor o trabalhador que cuida de suínos. Se você aceitar participar, poderá ajudar muito na criação de novos conhecimentos sobre esta área.

Aceitando contribuir com esta pesquisa, você participará de 2 encontros de grupo, onde irá conversar com outros suinocultores aqui da região oeste de Santa Catarina. Neste grupo você e seus colegas irão falar sobre como trabalham, sobre o que é bom e sobre o que é ruim no trabalho de vocês. Os grupos serão gravados em áudio e também filmados. Se tiver alguma pergunta que você não quiser responder, não tem problema, poderá ficar em silêncio. A qualquer momento você poderá fazer perguntas, tirar dúvidas e também desistir de participar do grupo, sem qualquer problema.

Sua identidade será mantida em sigilo e tudo que for escrito ficará guardado com a orientadora deste projeto no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNISINOS por um período de 5 anos. Também é muito importante que você não compartilhe com outras pessoas o que for falado nos encontros. O conhecimento que este estudo vai gerar poderá ser divulgado em publicações científicas e/ou eventos, mas sem revelar a sua identidade.

Você receberá um retorno sobre os resultados desta pesquisa. A pesquisa não traz risco para você. No final da conversa em grupo, se você quiser, poderá conversar individualmente com a pesquisadora, caso queira contar alguma coisa em particular.

A pesquisadora responsável por este estudo é a psicóloga Carmem Regina Giongo (CRP07/18304) mestranda no curso de Psicologia Clínica na UNISINOS, orientada pela professora Dr. Janine Kieling Monteiro, que podem ser contatadas pelo telefone (51) 92711901 ou na UNISINOS em São Leopoldo. Este documento tem duas cópias, uma cópia ficará com você e a outra cópia com a pesquisadora.

Eu _____ aceito participar desta pesquisa, entendi com clareza tudo o que está escrito neste documento e autorizo o uso das imagens registradas.

Assinatura _____

Assinatura da pesquisadora responsável: _____

Local e Data: _____

ANEXO D - ROTEIRO DETALHADO DOS GRUPOS FOCAIS

Primeiro encontro

1. Apresentação moderador e do co-moderador
2. Apresentação e identificação dos participantes
3. Leitura e coleta de assinaturas TCLE
4. Entrega e preenchimento do questionário biosociodemográfico
5. Discussão dos tópicos:
 - a. *Falem-me sobre como é o trabalho de vocês* – Atividades realizadas, normas, ritmo de trabalho, processos e controles organizacionais, relações de poder, ambiente físico, equipamentos, materiais utilizados no trabalho, apoio institucional, fluxo de comunicação, relações de poder.
 - b. *Falem-me sobre os seus sentimentos em relação ao seu trabalho* – Vivências de prazer e sofrimento, descrição dos sentimentos relacionados ao trabalho, descrição das situações nas quais estes sentimentos aparecem, frequência e características das situações de trabalho nas quais os sentimentos ocorrem.
 - c. *O que vocês fazem para lidar com as dificuldades do dia-a-dia de trabalho?* – Estratégias defensivas, mecanismos que o trabalhador utiliza para suportar as dificuldades encontradas, modo pelo qual o sofrimento é transformado.
 - d. *Como o trabalho tem afetado comportamento de vocês, a vivência com a família e a saúde de vocês?* – Riscos psicossociais.

Segundo encontro

1. Retomada dos principais assuntos discutidos no primeiro encontro (buscando confirmar o que disseram, se querem modificar alguma coisa ou acrescentar, validar, promover discussão sobre o que foi dito no dia anterior).
2. Atividade em grupo: formação de dois grupos para conversarem e depois criarem cartazes buscando responder as seguintes questões “o que vocês acham que poderia ser feito para melhorar as condições de trabalho de vocês; o que vocês poderiam fazer para melhorar o trabalho de vocês?”. No final, cada grupo realiza apresentação dos cartazes criados.

3. Cada participante é convidado a falar sobre como foi participar dos encontros.
4. Entrega de cartões de agradecimento e envelope com contribuição para combustível.

ANEXO E – APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
 Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação (UAPPG)
 Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

versão março/2009

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
 RESOLUÇÃO 139/2012

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

Projeto: Nº CEP 12/132 **Versão do Projeto:** 17/12/2012 **Versão do TCLE:** 17/12/2012

Coordenadora:

Mestranda: Carmem Regina Giongo (PPG em Psicologia)

Título: Análise Psicodinâmica das Vivências de Trabalho de Suinocultores.

Parecer: O projeto foi APROVADO, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 196/96, item VII.13, letra d. Somente poderão ser utilizados os Termos de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 17 de dezembro de 2012.


 Prof. Dr. José Roque Junges
 Coordenador do CEP/UNISINOS